

O REVISIONISMO EM LÍNGUA PORTUGUÊS

2

Outono 2005

GUERRA = MENTIRA
TRIMESTRAL DE CRÍTICA HISTÓRICA

Não acredite. Pense

<reviluso -at - yahoo.com.br>

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://geocities.com/ilrestodelsiclo>

-----oooOOO\$\$\$OOOooo-----

SUMÁRIO

Vocês me transformaram em bomba humana, Por Edna Yaghi

EUA usam armas proibidas

As Nações Unidas decidem pelo banimento universal do revisionismo, Robert Faurisson

O fascismo ressureto em Israel, Laerte Braga

Expresso do Oriente, Israel Shamir

Leve os Seus Filhos ao Filme, Israel Shamir

Judeus brasileiros estão revoltados com o uso da internet pelos defensores da verdade histórica, Roberta Jansen

CENTRAL JUDAICA DE PRODUÇÃO DE MENTIRAS ESTÁ PERPLEXA COM O AVANÇO DO REVISIONISMO, Tomás Eloy Martínez

Quem é Ahmed Rami?

Entrevista de Saramago na BBC

2003 : HOLOCAUSTO CONTROVERSO

A Propósito do "Holocausto", Por Pedro Miguel Melo de Almeida

"E Se Hitler Tivesse Ganho?" Por Esther Mucznik

"Holocausto" em Debate, Por Pedro Miguel Melo de Almeida

De Novo, a Mentira da Negação do Holocausto... Por Irene Flunser Pimentel

O problema do «holocausto» Pedro M. Melo de Almeida

Os Judeus e a Escravidão na América do Sul

STF nega Habeas Corpus a editor de livros condenado por racismo contra judeus

English links relating to Siegfried Ellwanger Castan's prosecution in Brazil

Vincent Reynouard Detido, Assediado e Ameaçado Com Encarceramento, Robert Faurisson

Quem é Simon Wiesenthal ?

OUTRO CHARLATÃO : **Moses Bensabat Amzalak**

GERMAR RUDOLF

Germar Rudolf Detido, J.A. Spínola

A Situação de Germar Rudolf, Arthur R. Butz

Como Ajudar Germar Rudolf, Arthur R. Butz

O Agente Duplo, Germar Rudolf

Alemanha: neonazi que nega Holocausto vai ser julgado

Alemanha: julgamento de neonazi com início atribulado

JULGAMENTO-SHOW DE ZUNDEL INICIA HOJE Michael A. Hoffmann II

O Revisionista Siegfried Verbeke

David Irving na cadeia, Palmira F. da Silva

Historiador David Irving é acusado de negar o Holocausto.

BOMBA

Vocês me transformaram em bomba humana

Por **Edna Yaghi**

Sou produto de sua tirania. Vocês dissecaram os restos do meu país, transformaram em pedaços de mocambos urbanos, guetos e campos de concentração. Cortaram meu suprimento de água e me deixaram sedenta enquanto vocês, os israelenses, se banham em piscinas refrigeradas não muito longe de onde eu moro. Vocês puseram abaixo minhas árvores e profanaram meus campos, certificando-se de que eu não tivesse como me sustentar ou àqueles que dependem de mim. Vocês cortaram os suprimentos médicos que tratam os feridos e em seus postos de fiscalização vocês prendem e humilham os palestinos e impedem os que têm grave necessidade de assistência médica de passarem, o que faz com que meu povo, suas vítimas, morra em suas fronteiras improvisadas.

Vocês assassinam meus soldados da liberdade enquanto explicam ao mundo que apenas estão defendendo seus colonos. Vocês atiram em crianças que, desafiadora e corajosamente, e em nome da liberdade, empunham pequenas pedras contra vocês, o inimigo violentamente armado.

Vocês torturam crianças e encarceram os guerreiros da resistência e tentam subornar ou coagir meu povo a colaborar contra seu irmão. Vocês derrubam casas e me impedem de ganhar meu sustento. Seus helicópteros Apache, fabricados nos Estados Unidos, me matam por controle remoto, e seus colonos, que se agacham no que sobrou de minha terra, atiram bombas em minhas casas e no meu caminho, atacam minhas crianças e mulheres com revólveres e paus e ódio.

Vocês ocupam minha terra e em minhas colinas ensanguentadas estacionam seus tanques e jipes blindados, para atirar em cada uma das crianças que brinca nas ruas.

Vocês ocuparam a Casa do Oriente, meu único símbolo de liberdade, que foi doada por um homem melhor do que todos os israelenses juntos, enquanto que, ao mesmo tempo, matam de fome os órfãos, logo do outro lado da rua.

Vocês atiram em minhas cisternas de água e matam os soldados palestinos, muito embora na época de seus brutais massacres, estes soldados estivessem patrulhando sua terra ou simplesmente fazendo sua última ceia. Vocês cortam minha eletricidade para me assassinar mais facilmente nas sombras húmidas de sua negra perfídia.

Vocês são covardes e têm medo das crianças palestinas com pedras. Vocês nunca as matarão de uma só tacada. Vocês vagueiam em grupos como matilha de cães selvagens e vocês são só depravados.

Vocês me deixam, e a meu povo, sem esperança, e quando me levam para um canto e me privam de tudo o que é humano, eu reajo com ódio e amargor. Eu amarro explosivos em meu corpo e procuro por um lugar para me detonar. Sim, eu mato sua população civil, mas este é o preço que vocês têm que pagar por me confiscarem direitos inalienáveis, os direitos concedidos a todos os homens, e pela opressão demoníaca que vocês impõem sobre meu povo.

É muito simples. Deus criou todos os homens iguais e ninguém é melhor do que o outro. No entanto, de alguma forma vocês transformaram isto no protocolo de que os judeus são melhores do que todos os outros e que vocês têm o direito de chegar na minha terra, cometer estupros e saques e ainda esperam que eu agradeça por isto.

Noutro dia, um rapaz estava almoçando. Um de seus colonos que veio da América, atirou uma bomba na casa desse menino. Seus dois irmãos morreram imediatamente. Mas o menino sobreviveu, terrivelmente desfigurado. Seu nome é Amar Emira. Suas feridas transformaram o que foi um lindo menino em um ser grotesco que nem se parece com um ser humano. O que fez esta criança para viver assim horrivelmente desfigurada?

Vocês fuzilam bebês à queima roupa, enquanto protegidas nos braços de seus pais, em carros palestinos que se dirigem para casamentos. Vocês matam crianças indo para a escola e abatem crianças palestinas que, de mãos vazias, lutam contra seus exércitos. Uma dessas crianças, Mohammed Abu Arrar, foi fuzilado e morto quando protestava contra a ocupação de sua terra. Parentes palestinos do menino beijaram seu corpo deitado no caixão, antes que ele fosse levado para ser enterrado em Gaza.

Vocês matam pais palestinos desarmados que cruzam seu caminho, quando vão comprar material escolar e livros para seus filhos. Vocês não têm mais desculpas para as atrocidades que continuam a perpetrar. Vocês bombardeiam as casas de famílias palestinas, matando instantaneamente seus ocupantes, e depois dizem que a ação foi de palestinos, muito embora as casas estivessem longe do palco da batalha e muito embora os estilhaços de suas bombas feitas pelos americanos estejam ainda espalhadas sobre as casas demolidas dos inocentes.

Vocês condenam coletivamente 3 milhões de palestinos, metade dos quais são crianças, que residem no que foi deixado de sua própria terra, ainda que vocês saibam muito bem que o único desejo deles é o de libertar-se de sua bárbara crueldade.

Vocês dizem ao mundo que desejam a paz, no entanto, em cada canto, em cada caso, vocês estão tão longe dela, como se a terra fosse um universo diferente girando em direção oposta.

Vocês falam de paz pela língua bifurcada de seus atidores de guerra e então se pretendem chocados quando finalmente um palestino suicida se explode.

Vocês só se livrarão da ameaça das bombas humanas quando buscarem uma paz justa e abrangente e quando terminarem com a ocupação dos habitantes nativos da Palestina.

edna@index.com.jo

www.geocities.com/ibnkhaldoun_2000/

<http://terrornapalestina.home.sapo.pt/frame.htm>

CRIME

EUA usam armas proibidas

Um documentário da TV italiana RAI acusa os EUA de utilizar **bombas de fósforo contra civis** na ofensiva de Falluja, Iraque, em 2004. Aquele tipo de bomba foi proibido pela Convenção de Genebra em 1980, mas Washington não assinou o tratado.

Antigos militares que prestaram serviço no Iraque asseguram, num documentário intitulado 'Falluja: O Massacre Oculto', que as bombas de fósforo, de tipo incendiário, mataram "homens, mulheres e crianças", cujos cadáveres foram recuperados reduzidos a esqueletos carbonizados.

As chefias militares norte-americanas **aditem a utilização da arma**, mas apenas para iluminar campos de batalha e não em ataques a zonas urbanas. Por outro lado, consideram

as bombas de fósforo armas convencionais, e por isso lícitas, e não químicas, como pretende a RAI.

Ali Jasim/Reuters
Correio Da Manhã, Lisboa, 9 de Nov. 2005

As Nações Unidas decidem pelo banimento universal do revisionismo

Robert Faurisson

Em 1º de novembro os representantes de 191 nações, por unanimidade e sem votação, aprovaram que as Nações Unidas adotem uma resolução proposta por Israel que declara o dia 27 de Janeiro como "Dia Internacional de Comemorações pela Memória das Vítimas do Holocausto". Além disso, a resolução "Rejeita qualquer negação do Holocausto como um acontecimento histórico, tanto na sua totalidade como em parte".

A existência do Revisionismo Histórico tem dessa maneira, a sua existência reconhecida a nível mundial, a prova de que existe, porém, ao mesmo tempo, essa decisão faz com que os revisionistas se sintam molestados com a reprovação de todas as nações do mundo.

Mesmo o "Estado" do Vaticano, que não tem assento na ONU, já tinha declarado em 1992, que "Não existe revisionismo histórico que possa colocar em questão o abismo desumano do Holocausto" («Non c'è revisionismo storico che possa rimettere in discussione l'abisso disumano dell'Olocausto») (*L'Osservatore Romano*, 7 Novembro 1992).

A história das sociedades humanas e religiões é rica em proibições, banimentos, excomunhões, porém, até um passado recente, a vítima poderia, ao menos em tese, ter a esperança de achar um refúgio fora de seu país ou grupo de origem. Porém, a partir de agora e, pela primeira vez na história, a condenação é de caráter universal. Fica assim confirmado que o Revisionismo Histórico é um fenômeno de uma natureza excepcional e que também os judeus, mais uma vez, como sempre, são os que obtêm privilégios exorbitantes.

O Golpe de Mestre dos Judeus

Foi através de um autêntico golpe de mestre que a delegação israelense obteve sucesso em aprovar a sua resolução. Usaram os mesmos artifícios de certa Associação, na França, que sob a alegação de uma campanha contra a pedofilia, conseguiu uma lei proibindo, na internet, toda a comunicação envolvendo a pedofilia... e o Revisionismo!

Para começar, perguntaram: "Não é a pedofilia um horror em si mesmo?" E a resposta foi "Sim". A segunda etapa consistiu em acrescentar: "Não deveria a pedofilia ser banida da Internet por uma lei específica?" A resposta, mais uma vez foi "Sim". E como terceira etapa a referida Associação concluiu: "Vamos lutar, conjuntamente, para obter uma lei contra pedofilia... e o Revisionismo (que eles chamam "negacionismo")". Da parte da ONU, o Presidente da Assembléia Geral, o sueco Jan Ellasion, em 1º de novembro, teve a habilidade de inquirir oralmente se alguém se opunha à resolução para a comemoração do "Holocausto". Nenhuma mão se levantou e ele, sem qualquer tentativa de levar o tema à discussão, declarou aprovado o texto que continha, incluído, a condenação a qualquer tipo de revisionismo do "Holocausto".

O plano foi aprovado pelos Estados Unidos com total desrespeito pelas garantias de liberdade de opinião expressas na Primeira Emenda de sua Constituição. E, mais extraordinário, este texto israelense foi aceito pelos países árabes e muçulmanos, incluindo o Irã. Todos os presentes aprovaram, ou deixaram passar com leves restrições verbais, uma resolução originada dos judeus e que vai ao ponto de proibir o direito da liberdade de pesquisa em assuntos históricos.

Este ato da ONU assume unicamente um caráter político e não jurídico. Assim, como o Secretário Geral deverá encaminhar o cumprimento das medidas decididas por esta resolução, os revisionistas terão razão em temer medidas de natureza judicial e administrativa, como fiscalização e polícia de fronteiras, autorizações para entrar e permanecer em determinados países ou a emissão de vistos. A resolução tem o objetivo de justificar moralmente e facilitar

medidas de extradição tomadas contra revisionistas.

Precedentes não faltam:

- 1) a autorização européia de detenção;
- 2) o acerto da entrega do revisionista René-Louis Berclaz pela Sérvia para a Suíça;
- 3) a entrega do revisionista Ernst Zündel pelos Estados Unidos ao Canadá e então do Canadá para a Alemanha;
- 4) a entrega do revisionista belga Siegfried Verbeke pela Holanda para a Alemanha;
- 5) a entrega do revisionista Germar Rudolf à Alemanha, pelos Estados Unidos;
- 6) e na Áustria, em 11 de novembro, o semi-revisionista David Irving, cidadão britânico, foi preso pela polícia de trânsito, encontrando-se preso em Viena.

Para qualquer revisionista ficou realmente perigoso sair dos limites de seu país. Ele poderá se expor ao risco de ser detido, em qualquer país em trânsito, e encaminhado para extradição a pedido de Israel ou Alemanha.

Existe um projeto em andamento no parlamento israelense (Knesset) que deverá autorizar Israel a pedir a prisão de qualquer revisionista, com o objetivo de trazê-lo perante uma corte em Jerusalém e aplicar-lhe as penalidades da lei anti-revisionista judaica de 1986.

A Ofensiva do Estado Judaico

Há duas semanas o correspondente do *Le Monde* junto a ONU, Phillipe Boloignon, escreveu um artigo particularmente esclarecedor a respeito das vitórias do Estado judeu junto a ONU desde junho de 2004 ("L'offensive de charme d'Israël à l'ONU rencontre un certain succès", *Le Monde*, 4 Novembro 2005, p. 3).

Ele lista seis recentes êxitos daquele Estado:

- 1) em junho de 2004 Kofi Annan declara que "os registros sobre anti-semitismo da ONU ainda estão longe dos nossos ideais";
- 2) em outubro do mesmo ano uma resolução condenando o anti-semitismo foi aprovada;
- 3) em janeiro de 2005 uma sessão especial da Assembléia Geral marcou o 60º aniversário da "libertação dos campos da morte";
- 4) em junho, um embaixador israelense é eleito vice-presidente da Assembléia Geral, o primeiro israelense em 53 anos;
- 5) em setembro, durante um encontro dos chefes de Estado, Ariel Sharon apertou a mão do presidente paquistanês Pervez Musharraf, enquanto a delegação israelense fazia numerosos novos contatos;
- 6) e em outubro o Conselho de Segurança imediatamente condenou o chamamento iraniano, que não tinha nada de novo, para que Israel fosse varrido do mapa.

A Incomparável Petulância do Estado Judeu

Estas vitórias são mais incríveis quando se leva em consideração que nenhum outro Estado nacional ridicularizou tanto a ONU quanto "Israel", um estado que, apesar disso tudo, deve sua criação... à ONU. O Estado Judeu com uma petulância incomparável (no linguajar judaico: *chutzpah*), jogou um número recorde de "resoluções" das Nações Unidas diretamente no lixo.

Em violação à Lei Internacional, este Estado, fundado sob a colossal mentira do "Holocausto", pratica o colonialismo, racismo, apartheid, ocupação militar e tortura. Deve-se acrescentar que possui um arsenal de armas atômicas e foi, nos últimos quatro anos, suprido pela Alemanha, livre de qualquer pagamento em nome do tal "Holocausto", com três ultramodernos submarinos prontos para usar armamento nuclear.

O acordo secreto entre os dois países e suas forças armadas é tal que os correios alemães lançaram um selo onde à esquerda aparece a bandeira israelense e à direita a alemã e, por fim, ligando as duas, uma cerca de arame farpado, símbolo do perpétuo "Holocausto". A Alemanha se transformou no "Guantânamo" do Estado judeu.

Em 5 de outubro de 2005 o embaixador israelense na ONU, Dan Gillerman, advertiu os membros do Conselho de Segurança, avisando que o Deus dos judeus estava "de olho" neles e, em julho de 2004, irritado pelas posições de alguns Estados árabes, vociferou contra seus colegas de Assembléia Geral afirmando que as coisas "atingiram tal ponto que os internos estavam tentando dirigir o hospício".

Por outro lado, em 31 de outubro deste ano, declarou-se sentir "tocado" quando apresentou o texto do "Dia do Holocausto". Ele declarou: "Sinto-me emocionado e privilegiado

ao apresentar esta resolução histórica no dia de hoje, como israelense, um judeu, um ser humano, e o filho de uma família de vítimas do Holocausto". Isso é compreensível. No outro dia, a "adoção" da sua resolução marcou o triunfo da farsa do "Holocausto". Pode-se afirmar que muito mais do que petulância, procedimento desonesto, espírito de domínio e intolerância, o Estado judeu derrotou a si próprio. Esta extraordinária resolução da ONU constitui a prova de que o Revisonismo Histórico é uma realidade que não pode mais ser ignorada, negada ou menosprezada. A sua notoriedade tornou-se global. Mesmo assim devemos ter o cuidado de reconhecer que os pesquisadores históricos que permanecem na ativa não passam de alguns poucos e, a cada ano que passa, seu futuro fica mais sombrio.

17 Novembro 2005. Texto em inglês em
<http://www.adelaideinstitute.org/Dissenters1/Faurisson/holocaust.htm>

DEGRADANTE

O fascismo ressureto em Israel

Laerte Braga

A imagem de Palestinos presos em Belém por suspeita de terrorismo, vendados e amarrados, conduzidos a local ignorado para "interrogatório" é o atestado de direitos humanos de George Calígula Bush e sua trupe de carneiros nazistas. Quem vai prender Sharon? Responsável por barbaridades e atrocidades contra um povo inteiro e colocá-lo no bancos dos réus por crimes contra a humanidade?

Sharon não faria nada do está fazendo se não tivesse o apoio de Bush. Se não tivesse recebido sinal verde do louco que governa os Estados Unidos monitorado por bárbaros escondidos atrás de demonstrações nazi-fascistas de um patriotismo canalha. Há alguns anos atrás a Suprema Corte de Israel decidiu que tortura para salvaguarda do Estado e contra Palestinos é válida, aceitável e pode ser praticada.

O Estado de Israel é fascista. Não difere nem um pouco da Alemanha de Hitler. A forma degradante e estúpida como são tratados os Palestinos, violentados em seus direitos mínimos, é igual a que os esbirros de Hitler, da Gestapo tratavam judeus nos campos de concentração. O mundo assiste a um delírio fanático e brutal regido pelo presidente dos Estados Unidos e seus aliados.

A presunção da superioridade, de povo escolhido, tudo disfarçando interesses vergonhosos das indústrias do petróleo e bélica. O que acontece no Oriente Médio é puro e simples extermínio, limpeza étnica, que tentam vender ao mundo como combate ao terrorismo. São "negócios". É chocante vermos seres humanos humilhados, postos em situação de sub raça. São pais, são maridos, são filhos, são avós, gente, tratada como se bichos fosse. A paz é o argumento dos assassinos. Calçam as botas tacanhas da barbárie e apresentam-se ao mundo como guardiões e defensores da liberdade. Chamam a isso de "liberdade duradoura", de "justiça infinita".

A Palestina, hoje, pode ser, perfeitamente, a Colômbia amanhã. Ou a Venezuela. Como é o Afeganistão. O anunciado ataque ao Iraque, outro dos destemperos insanos de Calígula Bush. As imagens dos presos afegãos transferidos para a base de Guantánamo (que por si só é uma violência contra Cuba) são outro flagrante de direitos humanos pisoteados. A certeza que direitos humanos para essa gente é apenas a vontade do mais forte.

Esperar que governos de outros países manifestem-se chocados e em protestos contra tamanha violência não faz sentido. Os que timidamente tentam fazer ecoar algum tipo de desagrado correm o risco de virem a ser incluídos no "eixo do mal". Há silêncio repugnante de pretensos estadistas, de homens de governo. Ele tanto reflete o medo, como a covardia pura e simples, disfarçada no que chamam "democracia" e, no que, na verdade, representam polpudos ganhos num negócio sórdido. Somos e estamos todos transformados em produtos do mercado. O senhor de todas as razões alucinadas coloca a mão no peito, pranteia vítimas de um ato estúpido e reage com atos estúpidos. A bandeira que está ao fundo chancela tamanha boçalidade.

E dizer que George Soros, outro George, deita falação sobre arrependimento e toda a sorte de crueldade, crucificando o capitalismo, mas montado em bilhões de dólares. Não ouve os gritos dos que carregam o altar da insensatez, porque pensa que basta um pouco de sabonete e uma higiene das mãos mais cuidadosa, que ascende aos céus da solidariedade e da fraternidade. Regredimos ao estágio do neo-canibalismo. É algo diverso daquele em que pessoas comiam nacos de pessoas, pessoas inteiras, mas tem o mesmo caráter. Só não têm a justificativa do atraso. Carregam consigo a presunção dos céus. São arrogantes. São bárbaros e não vão deter-se diante de nada. Reagir é uma questão de sobrevivência. Não aceitar que sejamos todos vendados e amarrados enquanto constróem/destróem o mundo em gargalhadas loucas de farsa democrática, é, pelo menos, a saída decente. "A saída. Onde fica a saída?" Foi a pergunta da japonesa cega pelo bombardeio de Hiroshima. Em nome da liberdade.

A perspectiva de futuro não passa pelo simples enojar-se antes as imagens de Palestinos vendados, amarrados e levados para "interrogatório", nunca é demais repetir. Ou mudar de canal. Bush é louco. Criminosos são os que o conduzem. Criminoso é Sharon e a súcia que o cerca. É questão de acordar ou continuar dormindo. Só isso. E acordar implica em reagir. Dormir... Nesse caso é uma forma de morte. Viramos zumbis. Escravos de um poder devastador e cruel.

O que acontece no Oriente Médio, contra os Palestinos, é pura carnificina. Nada mais que isso. Tomar uma cerveja e comer um sanduíche em meio a tudo isso é abrir mão da ânima de cada um de nós, de todos nós.

<http://terrornapalestina.home.sapo.pt/frame.htm>

CAVALEIROS

Expresso do Oriente

Israel Shamir

Como os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, um desconhecido kamikaze dirigiu seus aviões gigantes em dois símbolos visíveis da dominação mundial americana, o Wall Street e o Pentágono. Eles desapareceram em chamas e fumaça, e nós não sabemos quem eles eram. Eles poderiam ser praticamente qualquer um: nacionalistas americanos, comunistas americanos, cristãos fundamentalistas americanos, anarquistas americanos, qualquer um que rejeite os dois deuses do dólar e o M-16, que odeie o mercado de capitais e suas intervenções no exterior, que sonhe com a América para os americanos, que não queira apoiar a dominação mundial. Eles poderiam ser nativos americanos retornando à Manhattan, ou afro-americanos que continuam sem receber compensação pela escravidão.

Eles poderiam ser estrangeiros de praticamente qualquer lugar, uma vez que o Wall Street e o Pentágono arruinaram muitas vidas de pessoas em todo o mundo. Os alemães podem lembrar do holocausto de Dresden, com seus centenas de milhares de pacíficos refugiados incendiados pela Força Aérea americana. Os japoneses não esquecerão o holocausto nuclear de Hiroshima. O mundo árabe continua a sentir o holocausto horripilante do Iraque e da Palestina. Os russos e os europeus orientais sentem vergonha da vingança de Belgrado. Os latino-americanos pensam nas invasões americanas do Panamá e Granada, na Nicarágua destruída e na Colômbia despedaçada. Os asiáticos contam seus mortos na guerra do Vietnã, nos bombardeios do Camboja, e nas operações da Cia em Lagos, em milhões. Até um locutor de TV pró-América russo não pode se conter e disse, 'agora os americanos começam a entender os sentimentos de Bagdá e Belgrado'.

Os Cavaleiros podiam ser qualquer um que perdeu sua casa para o banco, que perdeu seu emprego e ficou permanentemente desempregado. Eles podiam ser russos, malásios, indonésios, paquistaneses, congolenses, uma vez que suas economias foram destruídas pelo Wall Street e pelo Pentágono. Eles podiam ser qualquer um, e são todos. Sua identidade é bem irrelevante, mas os judeus já decidiram: tem que ser os árabes.

Deveríamos pensar, depois de Oklahoma, em sermos menos apressados com nossas conclusões. Mas os homens de meu país, políticos israelenses, são pessoas impacientes. As chamas de Manhattan ainda não haviam se apagado e eles começaram a colher seu lucro político. O sr. Ehud Barak veio ao vivo na BBC e disse 'Arafat' dentro de três minutos. Na CNN,

seu gêmeo Bibi Netanyahu culpou os árabes, muçulmanos, palestinos. Shimon Peres, falou contra o suicídio como um conselheiro psiquiátrico, lembrando sua audiência dos ataques palestinos. Ele parecia preocupado: é difícil escravizar um povo que não tem medo de morrer. O velho assassino de Kana até mencionou o Evangelho. A densidade de israelenses no ar aproximou o ponto de saturação. Eles insinuaram e incitaram, puxando sua lista de compras diante de uma América chocada: por favor, destruam o Irã! E o Iraque! E a Líbia, por favor!

As primeiras vinte e quatro horas de exposição máxima foram utilizadas pela máquina de propaganda judaica ao extremo. Nem um único fato era ainda conhecido, mas os insultos racistas anti-árabes se tornaram lugar comum. Enquanto nós judeus muito razoavelmente objetamos a qualquer referência à judaicidade de um 'menino mau', realmente não nos importamos de produzir declarações racistas revoltantes de cunho próprio. Um bom ativista judeu-americano, James Jordan, advertiu em Al-Awda: 'Fazer declarações e insinuações generalizadas sobre 'judeus' marginaliza e desacredita sua organização'. Mas por que a lista sem fim de 'declarações e insinuações' sobre 'os árabes' não 'marginaliza e desacredita' as organizações judaicas e a mídia que a pratica? Aparentemente, é um direito judaico decidir quem será marginalizado na América e quem não será.

A conexão estava nas mentes. Os supremacistas judeus americanos querem voltar o mundo todo contra a Palestina, onde os nativos desfrutarão de um duro governo local e direitos locais limitados, enquanto a raça superior terá um nível muito diferente de vida. Israel é apenas um modelo em pequena escala de seu novo bravo mundo da globalização.

Como não existiam fatos claros contra os palestinos, os israelenses fizeram sua condenação a partir das cenas de felicidade em Jerusalém Oriental. É um argumento fraco, e eu direi porque. No assassinato do livro *Expresso do Oriente*, de Agatha Christie, seu detetive favorito M. Poiereau encontra uma complicação rara: todos os passageiros a bordo do trem tinham boas razões para assassinar a velha senhora. Meus queridos amigos americanos, seus líderes colocaram seu grande país na posição da velha senhora.

Os israelenses usaram o evento ao máximo. Eles até mataram dez palestinos e destruíram a casa de cinco gentios em Jerusalém. Os repórteres estavam alegres, ao estilo 'nós os avisamos', e os especialistas da TV israelense concluíram por volta de 1 hora da tarde, que o ataque 'foi bom para os judeus'. Por que? Ele fortaleceria o apoio americano a Israel.

O ataque kamikaze faria exatamente isto. A América poderia entrar em um novo ciclo de violência em suas relações problemáticas com o mundo. Revanche seguirá revanche, até que um dos lados seja obliterado pelo ataque nuclear. Parece que o presidente Bush prefere este caminho. Ele declarou guerra aos seus adversários e aos de Israel. Bush nem mesmo entendeu que a guerra foi declarada pelos Estados Unidos há muitos anos atrás, e somente agora ela começou a chegar em casa. Muitas pessoas estão cansadas da abordagem americana, e a contagem para o próximo ataque começou.

Alternativamente, a América poderia ver este doloroso ataque em sua Wall Street e Pentágono, como uma última chamada ao arrependimento. Ela poderia mudar seus conselheiros, e construir suas relações com o mundo novamente, em bases iguais.

Ela deveria controlar as elites judaicas supremacistas de Wall Street, obcecadas com dominação, e a mídia, e se desassociar do estado judaico de apartheid. Ela deveria se tornar novamente a América universalmente amada, mais paroquial, de Walt Whitman e Thomas Edison, Henry Ford e Abe Lincoln.

Jaffa, 12.9.01

Texto original: 'Orient Express' de Israel Shamir. Israel Shamir é um escritor israelense que pode ser contactado no e-mail shamir@netvision.net.il. Seu site, contendo seus artigos encontra-se em construção e poderá ser visitado em breve no endereço: <http://www.IsraelShamir.com>

www.geocities.com/islamicchat/expresso_do_oriente.html

Leve os Seus Filhos ao Filme

Israel Shamir

O filme de Mel Gibson, *A Paixão*, torna-se num evento, talvez o mais importante, do ano. Mesmo antes de ser divulgado, causou reacções violentas por parte da "polícia intelectual" judaica americana, a ADL dirigida pelo obnoxio Foxman. Surgem rumores desagradáveis (no

New York Times) de que o Sr. Gibson cedeu às exigências e decidiu censurar o Evangelho. Espero que tal não seja verdade, pois um homem que cede ao ponto de cortar partes do Evangelho não é digno de fazer um filme sobre Golgota. "Alterar uma única letra da Bíblia é equivalente a destruir o mundo", prega a sabedoria judaica, e eu concordo: se o Evangelho, a mais importante parte da Bíblia, nos relata sobre a aceitação da responsabilidade do veredicto por parte do Alto Sacerdote dos judeus, o Sr. Gibson não possui competência para o alterar, mesmo que fosse ele próprio o crucificado.

Naturalmente, o Alto Sacerdote dos lutadores do anti semitismo, Abe Foxman, o indivíduo que aceitou subornos de Marc Rich, o ladrão, não está preocupado com o americano flácido colocar a possibilidade de atacar judeus inocentes. Primeiro, porque não é nada provável. Mesmo que os judeus crucificassem Cristo hoje e ao vivo em horário nobre na CNN, os americanos não se atreveriam a levantar qualquer objecção. Segundo, todo o ataque a qualquer judeu faz com que Abe Foxman ganhe dinheiro. Ele está preocupado com algo diferente.

Foxman e outros inimigos do filme de Gibson estão preocupados que a juventude americana de alguma ascendência judaica, como os míudos do Governador Dean de Vermont, ou muitos dos nossos leitores, vejam o filme e nunca mais se proclamem como "judeus" novamente. Foxman, Bronfman et al estão preocupados que estes jovens - e adultos - se dirijam às igrejas, enquanto que estes líderes permanecerão tão só com algumas pessoas já reformadas na Flórida sobre o seu jugo. As suas preocupações são as nossas esperanças.

Existem muitas boas pessoas que por engano ou por ignorância se consideram "judeus". Por este erro pagam caro: são obrigados a combater "os judeus" enquanto mantêm as aparências. Tive oportunidade de observar algo semelhante na Rússia, onde muitas boas pessoas que se proclamavam "comunistas" nos dias de Brezhnev. Foram forçados a justificar ou condenar a invasão do Afenaguistão a partir de posições extremamente desconfortáveis. Mas não tinham outra hipótese na URSS daqueles dias. Mas agora, já não existe qualquer boa razão para alguém se proclamar como judeu.

A Igreja sempre acolheu muito bem estas boas pessoas de origens judaicas no seu seio. São bem vindas, e o filme de Gibson esperançosamente irá levá-los para longe de Foxman e de Caiafás e para perto de Cristo. Mas este belo plano não pode ser implementado através de compromissos ideológicos e teológicos. A Igreja está aberta para as pessoas de bem, e a separação dos cordeiros das cabras está prometida no início do Último Julgamento. Agora o aparecimento do filme de Mel Gibson permite-nos separar as cabras dos cordeiros.

O colunista Joe Sobran, de Washington, escreveu-me o seguinte:

"o filme de Mel Gibson está a ser acusado de 'anti semitismo' só por representar a história do Evangelho. Já notaste que o cristianismo, a igreja católica, os papas, Martin Luther, muitos dos mais eminentes autores cristãos, e os próprios evangelhos, são constantemente acusados de anti semitas? Mas não o próprio Jesus! Porque não?"

Obviamente alguém nos está a tentar dizer algo com todas estas acusações de anti semitismo. Cá está um homem que antagonizou as autoridades judaicas do seu tempo recebendo em troca toda a sua fúria, e que inspirou DOIS MIL ANOS de anti semitismo! Porque é que O deixam escapar-se? Porque é que não O acusam directamente logo de uma vez? É exactamente para aí que as suas afirmações se dirigem. Então que o digam. Lembrem-se, quando falam de anti semitismo estão, na realidade, a falar de Jesus Cristo. Se eles não o dizem abertamente, devemos nós afirmá-lo por eles."

De facto, este filme pode despertar os cristãos americanos para o supremo sacrifício e glória de Cristo. Levará "judeus" americanos à coroação do seu longo processo de assimilação à Igreja. Irá libertá-los - pois o cristianismo é liberdade, acima de tudo. E então a Terra Santa irá manter-se como a base da Cruz, e não a base do Anti Cristo.

<http://www.econac.net/Artigo14.htm>

AAARGH

O título desta entrada mais parece um grito de raiva. Na verdade, o "AAARGH" é um site politicamente incorrecto por excelência - e isto vale para todas as tendências, até lá vem escrito que Brasillach era um poeta medíocre...

Qual o interesse especial do site? Ter cerca de 200 obras prontas a descarregar para os vossos PCs, desde **os panfletos de Céline**, passando pelos *Décombres* de Rebatet, *The International Jew* de Henry Ford, o famosos mas pouco lido *Dialogue aux enfers entre Machiavel et Montesquieu* de Maurice Joly (por acaso adquiri-o há uns anos na Feira do Livro de Lisboa, no stand do Centro Helen Keller, por tuta e meia!), até obras de Bardèche, António José de Brito, incluindo trabalhos sobre o sionismo, judaísmo, revisionismo...

Que fique aqui dito, já agora, que tenho reservas face aos chamados revisionistas. Embora pareça haver contradições enormes na história oficial da II Guerra, também me parece que boa parte dessa literatura é motivada politicamente. Li *Mémoire en Défense* de Faurisson e achei a argumentação muito pouco convincente. Mas como acho condenável que se volte aos autos-de-fé bibliotecários, ainda bem que há sites que possibilitam que demos uma espreitadela aos livros desta corrente.

FG Santos

<http://santodacasa.weblog.com.pt/arquivo/2004/12/>

REVOLTADOS

Judeus brasileiros estão revoltados com o uso da internet pelos defensores da verdade histórica

Brasil difunde sites discriminatórios

Roberta Jansen

Rio - A difusão indiscriminada de sites racistas na Internet levou o presidente do rabinato da Congregação Israelita Paulista, rabino Henry Sobel, a procurar o ministro da Justiça, José Carlos Dias, pedindo providências. "A Internet é usada para difundir preconceitos de todos os tipos e para incitar o ódio contra as minorias", disse Sobel.

"Sugeri ao ministro que a elaboração de uma legislação sobre o assunto seja prioridade do governo." O rabino defendeu a criação, a curto prazo, de uma unidade policial especializada em crimes de alta tecnologia. A médio, disse, seria ideal a elaboração de leis específicas. "Finalmente, sugeri que, por iniciativa brasileira, fosse levada à ONU a proposta de elaboração de uma convenção internacional sobre o assunto."

O Ministério da Justiça informou ontem que encaminhou as sugestões à Comissão de Análise do Sistema Criminal Brasileiro, formada por dez juristas.

A inexistência de leis específicas e a falta de recursos para investigação tornaram a Internet um dos maiores meios de difusão de extremistas. Skinheads, nazistas, nacionalistas, entre outros, divulgam livremente na rede suas ideologias e estimulam a discriminação contra negros, judeus e homossexuais - embora, no Brasil, a discriminação por raça ou credo seja crime.

Para Sobel, sites como esses podem incitar a violência contra minorias, como no caso do assassinato, no dia 6, do adestrador de cães Edson Neris da Silva por um grupo de skinheads em São Paulo.

Holocausto, a Mentira do Século é o nome de uma das páginas. Entre suas dezenas de artigos estão "Tráfico de Escravos: Monopólio Judeu" e "[Morreram Realmente Seis Milhões?](#)". A página é brasileira e, como na maioria dos casos, não é assinada. Outro site nacional e anônimo, *Freiheit*, defende "a manutenção das fronteiras raciais" no mundo. Entre os textos relacionados nesse site, estão verdadeiros tratados racistas.

"Existe orgulho negro, orgulho judeu, orgulho indígena e até orgulho gay", prega um dos artigos, assinado pelo nacionalista canadense Marc Lemire. "Mas nenhum grupo tem mais do que se orgulhar do que os povos brancos do mundo."

Os homossexuais são alvo constante. "Há páginas que ensinam até como matar um homossexual e se livrar do cadáver", disse o vice-presidente do Grupo Gay da Bahia (GGB), Marcelo Cerqueira.

Entre os sites estrangeiros, há, por exemplo, o Skinhead Pride. Ali, um fórum de debates recebe mensagens do mundo inteiro, no qual são costumeiras frases como "o único judeu bom nasceu morto".

Segundo levantamento do Centro Wiesenthal, a América Latina é grande produtora desses sites. Só na Argentina existem 14 deles nazistas. No Cone Sul há muitos países onde a tradição autoritária é muito grande, o que explica a maior receptividade a esse tipo de preconceito. No Brasil, não há levantamento do número de sites discriminatórios.

"Estamos buscando esse levantamento", informou o perito criminal André Caricatti, do setor de Crimes por Computador da Polícia Federal. Criado há dois anos, é formado por apenas oito especialistas em informática e seu principal objetivo é periciar computadores apreendidos. Na avaliação de Caricatti, a elaboração de legislação específica não é garantia para resolver o problema. "Pôr material na rede é o mesmo que publicá-lo", disse. "Não importa o meio, mas o crime praticado."

O Estadão, fev 19, 2000.
<http://revision5.b3.nu/>

MENTIRAS

CENTRAL JUDAICA DE PRODUÇÃO DE MENTIRAS ESTÁ PERPLEXA COM O AVANÇO DO REVISIONISMO

O regresso do holocausto

Tomás Eloy Martínez

Sem o eco das vozes das vítimas, talvez o pesadelo voltasse a ser possível

Cada vez custa mais ao ser humano imaginar o passado como verdade. Supomos que o passado seja uma fábula, só porque ele aconteceu com os outros.

Para a imaginação humana, o passado é como se fosse o irmão gêmeo dos romances ou dos filmes: suscita a mesma incredulidade, a mesma condescendência e, no fundo, o mesmo desinteresse.

Para conjurar esse ceticismo, a História opôs-lhe um artifício exemplar: em vez de registrar apenas a gesta dos reis, como em Heródoto, na *Bíblia* ou nos espantosos monumentos históricos redigidos por Arnold Toynbee ou pelo casal Durant, em vez de ler o passado como uma ciência exata, como pretendiam fazê-lo os positivistas, ela se propôs a escrever as vidas anônimas, até então silenciadas, a realidade obscurecida pela memória, as paixões do dia-a-dia.

O homem é sempre o mesmo. Faz amor, cozinha, veste-se, diverte-se, sonha e morre de maneira semelhante. O que muda é só o contexto em que essas histórias ocorrem, o conjunto de valores a que damos o nome de cultura.

É a partir do detalhe que entendemos agora a totalidade, e não o contrário, como se fazia antes. Quatro anos atrás, *The Washington Post* publicou pesquisa realizada pela Organização Ropper, em que, durante seis meses, foram interrogados ao acaso adultos e estudantes de colégios secundários, em 14 cidades dos EUA. O tema era o holocausto dos judeus, ciganos e dissidentes políticos, nos campos de extermínio nazistas. O que se sabia disso tudo? Até que ponto o número esmagador de filmes, documentos, confissões públicas, livros e reportagens deixou alguma marca na memória das pessoas, uma ruga na face lisa da História?

O resultado foi surpreendente: 20% dos estudantes e 22% dos adultos acreditavam que o holocausto jamais tivesse existido e mais da metade achava que não passava de uma mentira dos judeus.

Tentar negar essa verdade, que rola sobre nós como uma avalanche, não é fato novo.

Em 1947, um francês chamado **Paul Bardèche** afirmou que as câmaras de gás não haviam sido usadas para assassinar os prisioneiros, e, sim, para desinfetar suas roupas, e todas as provas do extermínio, inclusive as fotografias, tinham sido falsificadas. Segundo Bardèche, todos os judeus que morreram eram inimigos do Estado e sua execução não passara de um ato de justiça.

Há algumas semanas visitei, em Washington, o Museu do Holocausto, que fica na Independence Avenue, por trás da Biblioteca Smithsonian. A poucos passos dali está o Museu de Gravuras e da Impressão, onde se assiste à criação dos dólares novos, e, mais para o norte, o obelisco erguido em memória de George Washington.

O Museu do Holocausto não parece pertencer a essa parte imperial da cidade. Não parece pertencer a nenhuma das categorias que o homem comum seria capaz de reconhecer: é, ao

mesmo tempo, a evocação e o exorcismo do mal em estado puro, o inventário do que a humanidade tem de melhor e pior.

Com que palavras descrever uma experiência que não se parece com nenhuma outra: a experiência de ali estar entre as lembranças vivas do mal? No *Inferno* de Dante há um único caminho e é possível seguir o mapa: do círculo dos hipócritas se passa ao dos ladrões e dos corruptos; do círculo dos traidores se chega à boca escancarada de Satanás. Mas no Museu do Holocausto o mal é como um labirinto: todas as linhas do horror levam a outra e a outra mais. Mas não há uma única linha apenas, e, sim, 500, talvez 1.000, o espectro completo da perversidade humana.

Entreí no museu num sábado de manhã, lá pelas 10 horas. O edifício lembra vagamente um presídio: paredes cinzentas, janelas gradeadas, rebites e porcas nas junções das paredes. Cada visitante, se quiser, pode pegar um cartão com a história de uma vítima e acompanhar o itinerário completo de seu destino. Eu, por exemplo, escolhi avançar pela vida de Toivi Bratt, um polonês de Izbica, desde o momento em que ele fechou, em 3 de setembro de 1939, a fábrica de licores onde trabalhava, até o momento em que, por milagre, sua vida foi salva no campo de Sobibor, onde estava internado como escravo desde 1943.

No quarto andar há dezenas de monitores de televisão, cada um deles contando uma parte diferente da história: a chegada de Hitler ao poder, a Noite dos Cristais, as fogueiras com livros, as leis anti-semitas, a glória dos Jogos Olímpicos na Berlim de 1936, a felicidade doméstica de Goebbels, os cacoetes de Himmler, o casamento de Goering. Os televisores têm vozes e o espectador pode deslocar-se até uma das cabines próximas e escutar os ecos que essa voz deixou, as desgraças que semeou, os sinais de alarme que ela ia espalhando em seu caminho.

Vi, no salão do fundo, o eterno cortejo dos exilados: a noite em que Sigmund Freud teve de ir embora de Viena; o amanhecer em que Thomas Mann, tendo chegado a Zurique, recebeu o aviso de que não voltasse mais a seu país; os barcos levando embora Arnold Schoenberg, Adorno, Bertolt Brecht, Fritz Lang; e a agonia de Walter Benjamin, que se suicidou na fronteira da França, com medo de ser capturado pela polícia.

Junto de cada documento está a história de como ele foi conseguido e o nome das pessoas que o obtiveram. Não há dúvida: é tudo verdade.

Mas o que é a verdade?

É o que aconteceu ou apenas aquilo que a gente acredita que tenha acontecido?

Mais adiante, no museu, há pontes opressivas sobre o vazio, rampas que vão descendo para os outros andares. De repente, o visitante entra numa sala onde se conta a breve e feliz vida dos judeus da Galiza, da Bessarábia ou de Dantzig. Atravessa as passarelas sombrias do Palácio de Wannsee, onde, em janeiro de 1942, foi arquitetada a "solução final". Vê, sobre a sua cabeça, o arco atroz da entrada de Auschwitz, com a inscrição "Arbeit macht Frei" (o trabalho liberta). Ou, para desviar-se desse caminho, entra por engano num dos vagões que, sob a pesada neve polonesa, levavam os condenados a seu destino de morte.

Nos fossos das galerias jazem surrados pares de sapatos, malas estropiadas, bonecas atormentadas, míseros brinquedos abandonados diante da porta dos fornos crematórios. Todo esse passado era conhecido. Mas há uma diferença substancial entre ter lido a respeito e estar dentro dele, repetindo-o. O último passo dessa via-crúcis é também o mais comovente. No andar térreo, estende-se um imenso campo de mármore, cercado por uma fileira de velas. Algumas foram acesas para assinalar um nome na interminável lista dos caídos. Outras continuam intactas, à espera.

De repente, no vazio, ouvem-se vozes. De pequenos alto-falantes brotam histórias: "Cheguei a Buchenwald num dia de primavera..."; "quando me separaram de minha mãe em Buchenwald..." E assim continua o coro, sem sossego.

À saída do museu, na Rua 14, o vento trazia e levava a papelada deixada, no dia anterior, por uma passeata de neonazistas. "O holocausto é a mentira do século", li num desses panfletos. E em outro: "A vítima foi Hitler. Conheça a verdade, volte a ler *A Minha Luta*."

Tive a sensação - ou a esperança? - de que as vizinhas anônimas dentro do museu eram mais fortes do que o trovejar da realidade. Sem o sofrimento refletido por essas vozes, talvez o pesadelo voltasse a ser possível, e o mal semeado há meio século talvez já não parecesse tão intolerável quanto ainda parece, tão indigno da condição humana.

Tomás Eloy Martínez, jornalista e escritor, diretor do Programa de Estudos Latino-Americanos da Universidade Rutgers (EUA), é autor de A Novela de Perón e Santa Evita

O Estado de São Paulo, 16 de agosto de 1997

<http://revision5.b3.nu/>

UM DIABO ?

Quem é Ahmed Rami?

Ahmed Rami, correspondente na Europa de ALSHAAB, é um lutador islâmico de origem marroquina.

Sua história é em muitos aspectos típica de sua geração.

Ele foi acusado de ser um cúmplice no golpe de Estado derrotado de Skhirat em julho de 1971 contra Hassan II.

Na época **Rami** era um oficial do Exército marroquino.

Foi condenado à morte mas conseguiu fugir do país.

Ele é um dos admiradores do Egito e de Nasser.

Hoje **Rami** não apenas vive na Suécia mas se tornou um cidadão sueco.

Em sua nova pátria ele criou a estação de rádio Radio Islam.

No Islã, **Rami** percebe a possibilidade de unificação da Nação Árabe.

Até hoje ele venera o tempo de Nasser.

Entretanto, apesar de sua ligação apaixonada com o passado, sua visão está colocada no futuro.

Para a sua mente, o futuro pertence ao Movimento Islâmico e ele apóia os pontos de vista do Partido de Ação Islâmica do Egito.

No momento, ele é o correspondente europeu de nosso jornal.

Somos felizes de podermos contar com ele no número de colaboradores de ALSHAAB.

Ahmed Rami atingiu coisas extraordinárias na Suécia.

Quase sozinho ele luta contra o poder e a infiltração sionista naquele país.

Rami mantém seu programa Radio Islam (no momento as transmissões pararam devido a dificuldades financeiras) de sua habitação de 20 metros quadrados.

Ele não iria alugar um apartamento maior porque ele está pensando em voltar ao Marrocos ou à alguma outra parte de sua pátria árabe.

Ele escreveu livros volumosos em sueco, nos quais ele denuncia o Sionismo.

E foram cristãos suecos que financiaram sua impressão!

Na Suécia, todos conhecem **Ahmed Rami**.

Suas opiniões políticas são citadas no Parlamento e às vezes até mesmo nos círculos governamentais suecos.

De qualquer modo, as organizações judias conseguiram acusá-lo de anti-semitismo e o prenderam por seis meses.

Enquanto na prisão, ele organizava as transmissões da Radio Islam de sua cela na prisão.

Emergiu como um lutador sem medo na resistência ao sionismo.

Como correspondente do ALSHAAB, ele está mantendo sua luta em outro nível.

Que Deus o abençoe e proteja, bem como a todas as pessoas de seu tipo, para o benefício de nossa nação e de toda a Humanidade!

Magdy Hussein, *Al Shaab*

Degrelle

[Quem é Tintim? Eu sou Tintim!](#) O imortal Tintim, seu criador, Hergé, e sua obra têm sido alvo de numerosas manifestações e interpretações controversas. Enquanto uns o exultam e se desdobram em homenagens, outros o acusam de anti-semita, nazista, anti-comunista, anti-americano e moralista. Para completar o polêmico quadro, eis que surge um conterrâneo e amigo de Hergé: Léon Degrelle, um ex-general da Waffen SS, amigo e admirador confesso de Hitler afirmando que serviu de modelo para a criação do famoso Tintim! Este artigo da Humanus é uma merecida homenagem ao precursor das histórias em quadrinhos e criador do herói mais humano da face da Terra e ainda a manifestação do respeito ao direito de liberdade: a liberdade de expressão de Léon Degrelle.

Saramago

Entrevista de Saramago na BBC

A imprensa internacional publicou declarações atribuídas ao senhor referindo-se aos actos do Exército israelita como actos "nazis" e fazendo críticas bastantes duras ao governo de Israel. Qual é exactamente a sua posição diante do conflito no Oriente Médio?

A declaração de que o Exército israelita se tornou "judeu nazi" foi de um grande intelectual judeu (Yeshayahu Leibowitz, que morreu em 1994), respeitado tanto do ponto de vista moral como do ponto de vista intelectual. Não estou usando essa espécie de guarda-chuva para me proteger de qualquer tempestade. Mas esta ideia de que algo de profundamente negativo, destrutivo, entrou no espírito de Israel, eu não fui a primeira pessoa a dizer. Hoje mesmo outros israelitas reconhecem isso.

Outra afirmação que o senhor teria feito sobre Israel foi comparar a forma com que o governo israelita tem tratado os palestinianos como uma espécie de apartheid...

Não é uma espécie de apartheid, é rigorosamente um apartheid, e sobre isso só tem dúvidas quem não veio aqui nunca. Se alguém quiser ser informado, supondo que as autoridades militares permitam o acesso, a passagem nos postos de controle para chegar às aldeias e cidades palestinianas que estão completamente isoladas, onde não se pode entrar e de onde não se pode sair sem a autorização do Exército, se se quer ver como isto é efectivamente, há que vir aqui. A informação que nós temos, aquela que circula internacionalmente, dá sempre uma imagem de um lado e deixa outro praticamente omissa, ou apenas com as imagens de palestinianos disparando para o ar quando acompanham os seus mortos. Eu não estou aqui dizendo que os israelenses são uns demónios e que os palestinianos são uns anjos, não se trata disso, anjos e demónios há de um lado e de outro. O que se passa é que a situação política aqui, a situação de guerra que se criou, teve como resultado a ocupação militar de praticamente todo o suposto território palestino, o isolamento de todas as aldeias e cidades palestinianas e a impossibilidade de se circular no próprio território. Isso, se não é apartheid, como é que havemos de chamar?

O senhor diria que, nos últimos anos, principalmente durante o governo do primeiro-ministro Ariel Sharon, essa situação tem se agravado?

Ela tem se agravado nos últimos tempos. Mas, enquanto foi primeiro-ministro o sr. Barak, construíram-se mais colónias no interior do território palestino do que aquelas construídas quando foi primeiro-ministro o sr. Netanyahu. Quer dizer, o mesmo sr. Barak, que supostamente se propunha a fazer a paz, instalava cada vez mais colónias no interior dos territórios ocupados. E aqui há um ponto que é necessário reconhecer: as colónias precisam do Exército para se defender. Mas o Exército precisa das colónias para estar instalado ali. E desta lógica, que é uma lógica absolutamente infernal, não se consegue sair, porque efectivamente a paz que querem os governos de Israel não é uma paz justa, não é uma paz que reconheça efectivamente os direitos dos palestinianos de ter um Estado, de ter uma identidade própria, uma vida que seja sua. Os palestinianos são desprezados pela população de Israel, e isso não é

demagogia, é a mais pura das verdades, e quem quiser confirmá-la que venha aqui.

O senhor falou sobre como a comunidade internacional vê esse conflito. O senhor não acredita que, principalmente depois de actos de extrema violência como o atentado de ontem (quarta-feira, em que 20 israelenses foram mortos numa explosão), fica mais difícil ainda para a comunidade palestina divulgar a sua luta, as suas reivindicações à comunidade internacional?

Em primeiro lugar, eu não estou nem a justificar nem a defender este acto. Mas todos os actos de violência praticados pelos palestinos são obstáculos à paz. Mas os actos de violência praticados pelo Exército israelita não são obstáculos à paz... Aldeias arrasadas, milhares de mortos, gente expulsa em 1948... Fala-se do **Holocausto** judeu, mas também houve uma espécie de **Holocausto** palestino. Um milhão de pessoas foram deslocadas de suas casas em 1948. Ainda ontem estivemos em Gaza, e 150 casas foram destruídas por tanques e escavadeiras. Aqui se castiga uma acção de violência praticada por um palestino com a destruição da casa, ou de casas ou de uma aldeia. Então os actos de violência dos israelitas não são obstáculos à paz?

Nessa situação, que perspectivas o senhor vê para esse conflito? O senhor tem algum optimismo em relação ao plano de paz saudita ou às actuais negociações?

Eu não tenho nenhum optimismo, porque efectivamente o governo de Israel não quer a paz. Quer uma paz que lhe convenha, não uma paz justa que levasse em conta o direito do povo palestino de ter a sua própria vida. Sou completamente céptico em relação ao êxito de qualquer plano. E, recentemente, numa proposta dos Estados Unidos nas Nações Unidas, foi reconhecido que o povo palestino tem direito a viver no seu próprio Estado. Mas como se organiza esse Estado, se as colónias israelitas nos territórios ocupados são 205, e todas elas protegidas pelo Exército e elas próprias armadas? Como se quer falar num plano de paz que ignore essa realidade?

Devido às suas mais recentes declarações, tem havido em Israel um boicote aos seus livros. Como o senhor vê esse tipo de reacção?

Isso é natural. Acho que, no fundo, são reacções de pessoas que não aguentam que se lhes diga a verdade. Retirar os meus livros das livrarias é, talvez, um primeiro passo, que pode levar a um segundo passo, que é queimá-los em praça pública. Tudo pode acontecer.

www.econac.net/Entrevista22.htm

2003 : HOLOCAUSTO CONTROVERSO

- 1) Artigo de Mucznik (ausente)
- 2) Carta aberta de Almeida (ausente)
- 3) Nota breve de Mucznik (ausente)
- 4) Almeida
- 5) Mucznik
- 6) Almeida
- 7) Pimentel
- 8) Almeida

4/

Holocáustica questão

No jornal português *O Público*, de 24 de Março de 2003, fomos encontrar mais algumas pistas, para explicar um facto histórico que se não deve esquecer, nem ignorar, nem fantasiar.

A Propósito do "Holocausto"

Por **Pedro Miguel Melo de Almeida** (*)

Segunda-feira, 24 de Março de 2003

Resolveu Esther Mucznik escrever uma nota breve a propósito da Carta Aberta que lhe dirigi. O que não deixa de ser estranho, devido ao tema e à enorme pobreza da nota, onde preferia destilar o seu ódio para com a autoridade palestinianas e acusa Arafat de roubar fundos. Mas, a História às vezes é madrasta. Já dizia Karl Marx, judeu que dispensa apresentações, que "o dinheiro é o cioso deus de Israel, perante o qual nenhum outro deus deve subsistir (...) O deus dos judeus secularizou-se e tornou-se o deus mundial. O câmbio, é esse o verdadeiro deus do judeu".

Voltando ao tema do "holocausto", Esther Mucznik afirma que eu disse que, estatisticamente, "quanto maior é a ignorância, maior é o sentimento de que se pode e deve dizer tudo o que se bem entende". Coloca esta frase entre aspas como se fosse uma citação do que disse no seu anterior artigo "Memória e Identidade" a propósito da ignorância dos jovens sobre o "holocausto".

O que Esther Mucznik disse não foi isso mas sim que quanto menos sabem, mais os inquiridos acham que têm o direito de dizer o que bem entendem. Afirmção de sentido bem diferente. Tentou, disfarçadamente, identificar negacionismo com revisionismo. Mas, perante o meu artigo, o erro é aterrador quando afirma que é a negação do holocausto que faz a cama à sua revisão. Ora pergunto: é a negação do "holocausto" que faz a cama à sua revisão ou é a sua revisão que faz a cama à sua negação?

Sobre a ignorância dos jovens inquiridos a respeito do "holocausto", a tarefa de esclarecimento é gigantesca, se se pretender ser imparcial. E a verdade é que a história está sempre a ser revista, até por historiadores judeus. E porquê? Porque é mais do que sabido que existem contradições a mais neste tema do "holocausto".

Comecemos pela cifra de seis milhões de judeus mortos nos campos de concentração. Pergunto eu e os revisionistas: onde estão as provas absolutamente seguras e inquestionáveis dessa cifra? Roger Garaudy, na sua obra *Les Mythes fondateurs de la politique israélienne* e *Le procès du sionisme israélien* apresenta imensas fontes insuspeitas em completa contradição umas com as outras.

O norte-americano William L. Shirer, em *Ascensão e queda do III Reich*, escreve a propósito de Auschwitz nunca se saberá quantos foram mortos naquele. O governo soviético, que investigou o caso depois de invadido o acampamento pelo Exército Vermelho em Janeiro de 1945, deu a cifra de 4.000.000. Reitlinger, baseando-se nos seus exaustivos estudos, duvida que os envenenados pelo gás, em Auschwitz, alcançassem a cifra de 750.000; calcula que cerca de

600.000 morreram nas câmaras de gás, número a que acrescenta a "proporção desconhecida" de uns 300.000, ou mais, "desaparecidos", fuzilados ou mortos pela fome e moléstias.

A propósito das câmaras de gás convém consultar os exaustivos estudos de Robert Faurisson - Institute for historical review (<http://www.ihr.org>). Poder-se-á ver aí, por exemplo, a aturada análise ao Diário dito de Anne Frank. E ler atentamente a sua colossal obra "*Mémoire en Défense - La question des chambres à gaz*", prefaciada, imagine-se, por Noam Chomsky.

Também é indispensável a obra *Le Mensonge d'Ulysse*, de Paul Rassinier, um antigo deportado e sobrevivente dos campos de concentração. Não estou a minimizar o que quer que seja. Estou a chamar a atenção para a necessidade de uma leitura crítica da História. Se se investiga livre e criticamente as atrocidades da inquisição ou do comunismo, porque não fazer o mesmo em relação ao nazismo e aos judeus? É que temos que lutar por uma história livre, rigorosa, crítica, fundamentada e não apologética ou tendenciosa.

Por isso, o *Le Monde* já perguntou se não era necessário mudar a inscrição de Birkenau-Auschwitz para reduzir o número de mortos de 4 milhões para 1 milhão ou mudar a inscrição de câmara de gás de Dachau para precisar que ela nunca funcionou.

Será por tudo isto que Moshé Zimmerman, historiador judeu e revisionista, professor na Universidade hebraica de Jerusalém, numa intervenção no jornal *Yerushalayim* afirmava que numa conferência sobre a utilização do holocausto recordara que ela é frequente e que é de bom tom dizer que o holocausto é a justificação principal da instauração de Israel. Se é assim, devemos agradecer a Hitler... Perguntará então o leitor: não é também verdade que existem posições contrárias a tudo o que afirmei? Sem dúvida. Exactamente por isso existe cada vez mais a necessidade de um revisionismo histórico que nos faça ter olhos e espírito críticos e não uma cegueira apologética.

Poder-se-á também evocar as fotografias dos campos, em especial no que diz respeito a fotografias dos campos em pleno funcionamento, com prisioneiros prestes a serem executados ou torturados. Ora, quem é que tirou as fotografias? Não se tem afirmado que as práticas nos campos eram mantidas dentro do mais absoluto segredo? Quem teria tanta liberdade para fotografar à vontade aquilo que seria sempre, no futuro, uma prova incriminatória? Ora a obra "A deportação" da autoria da Fédération National des Déportés et Internés Résistants et Patriotes é riquíssima em fotografias dos campos de concentração, mas sem relacionar cada uma das fontes com cada uma das fotografias.

Outro dos aspectos mais sintomáticos é existirem escritores e historiadores judeus, alguns israelitas, que são revisionistas e lutam contra o sionismo. Já referi o Prof. Zimmerman, mas também se pode notar a obra de Zev Sternhell, professor de Ciências Políticas na Universidade Hebraica de Jerusalém, *Les mythes fondateurs du nationalisme israélien*; ou a obra de Yehuda Bauer *Juifs à vendre*, para além dos livros de Moshé Schonfeld *The holocaust victims accuse*, Bernard Lazare *L'antisémitisme*, Moshé Menuhin *The decadence of judaisme* e Ilan Greilsammer *La nouvelle histoire d'Israel*. Gostaria também de citar Israel Shahak em *Open secrets: Israeli Nuclear and Foreign Policy* e *Le racisme de l'État d'Israel*, as obras de Lenni Brenner, *Zionism in the age of the Dictators* e do filósofo judeu Martin Buber, *Israel and the World*.

Dou as indicações que é possível dar no contexto de um jornal e espero que possam servir de estímulo a quem deseje ir mais fundo nestes temas. Aqueles que o fizerem terão prestado um serviço a si próprios e à cultura. Não afirmo nem nego nada: convido ao livre exame e ao livre debate, afinal próprios de uma democracia pluralista. Chegados aqui, poder-se-á perguntar: então o nazismo não foi nenhuma barbárie? É evidente que foi. Mas como barbárie já chega o que aconteceu. Não é preciso estar a mitificar nem a mistificar. A barbárie é barbárie, não apenas pela sua verdadeira amplitude, mas também pela sua teoria e prática. Por último, convém não esquecer que, hoje em dia, o maior inimigo do verdadeiro judaísmo não é o neozionismo, mas sim o sionismo e a sua arrogância nata.

(*) Professor e investigador licenciado em filosofia

Jornal de Notícias

<http://jn2.sapo.pt/seccoes/mensagem.asp?48281>

"E Se Hitler Tivesse Ganho?"

Por Esther Mucznik

"O Holocausto é uma mentira da História." Esta é uma frase que se podia ler na fachada de um liceu de Marselha e que vem referida no livro agora publicado em França *Les territoires perdus de la République* (Os territórios perdidos da República), contendo numerosos testemunhos de professores sobre o actual clima antijudaico que cresce em França e nomeadamente nas escolas. Este clima acaba de ser, aliás, denunciado no relatório da Comissão Nacional Consultiva dos Direitos Humanos entregue ao primeiro-ministro francês, no passado dia 27 de Março, que o caracteriza como uma "explosão dos actos anti-semitas". Com efeito, segundo o relatório, 62 por cento dos actos violentos de natureza racista e 74 por cento das ameaças do mesmo tipo cometidos durante o ano de 2002 foram contra alvos judaicos, levando a comissão a apelar ao Governo a "reagir sem demora".

Nas escolas francesas, foi o ensino do Holocausto o primeiro revelador desta situação. Desde o início dos anos 90, numerosos professores alertam para as reacções de contestação ao ensino da história do genocídio judaico, nomeadamente por parte de jovens de origem árabe, que se queixam de "se falar de mais do Holocausto" ou que negam a sua realidade, como aqueles alunos que, em discussão com a professora de História, lhe afiançavam que "tudo isso é falso, a senhora repete o que vem nos livros de História, mas engana-se!... Nós sabemos, tudo isso foi inventado por judeus ricos depois da guerra..."

Na realidade, a escola é um termómetro extremamente sensível do que se passa na sociedade e frequentemente um verdadeiro laboratório social. E não é por acaso que a contestação antijudaica passa pela negação do Holocausto. Acusar os judeus de inventarem o seu próprio extermínio faz parte da tentativa de deslegitimação judaica subjacente a todo o negacionismo. E o facto de esta deslegitimação estar relacionada com o conflito israelo-palestiniano não lhe retira gravidade, apenas tem tido como consequência torná-la impune.

Vem isto a propósito de mais um texto publicado neste jornal, do leitor Pedro M. Almeida, que insiste em polemizar comigo sobre o Holocausto (termo que ele coloca entre — será que existiu mesmo?!). Diz ele, numa das poucas frases inteligíveis do seu texto: "Não estou a minimizar o que quer que seja. Estou a chamar a atenção para a necessidade de uma leitura crítica da História. (...) É que temos que lutar por uma história livre, rigorosa, crítica, fundamentada e não apologética ou tendenciosa." E, em abono da sua tese cita, entre outros, "os exaustivos estudos" de Robert Faurisson, a "indispensável obra" de Paul Rassinier" e, acima de todos, o "grande" e "insuspeito" Roger Garaudy, tudo gente, aliás, muito conceituada no meio negacionista. Faurisson, por exemplo, num texto datado de 16 de Junho de 1978, sustentava que **"as pretensas 'câmaras de gás' e o pretensu 'genocídio' são uma só e mesma mentira"**. E, em entrevista datada de 1979, garantia que "nunca Hitler ordenou ou admitiu que alguém fosse morto por causa da sua raça ou religião"! Quanto a Roger Garaudy, cuja conversão ao islão foi acompanhada de um anti-sionismo radical e pela militância negacionista, a ele se deve em grande parte o facto de a argumentação negacionista ter feito o seu caminho no mundo árabe-muçulmano, nomeadamente desde a publicação, em 1996, do seu panfleto *Os mitos fundadores da política israelita*, no qual denuncia em primeiro lugar o "mito" do Holocausto inventado "a fim de despojar o mundo inteiro utilizando a imagem do horrível nazi". Podia citar muitas mais afirmações destes grandes mentores ideológicos, mas não vale a pena porque o autor do arrazoado que provocou legítimos "vómitos" a Mafalda Ivo Cruz está 20 anos atrasado. Na realidade, os "exaustivos" estudos dos seus heróis já foram desmascarados, não apenas por toda a comunidade científica, mas sobretudo pela clara revelação dos objectivos ideológicos que presidem à negação do Holocausto. Isto levou-os a mudar de tática: hoje já não é a negação do Holocausto que constitui o exclusivo do seu arsenal bélico, mas sim a comparação entre nazis e judeus. Na realidade, estas são as duas faces da mesma moeda. Negar o Holocausto, tem apenas uma motivação: recusar o estatuto passado de vítimas aos judeus, para mais facilmente os poder apontar, hoje, como carrascos.

Não vou cair na indignidade de polemizar sobre o número de mortos de Hitler. Nem em rebater as vis suspeitas da autenticidade das fotos e imagens do Holocausto. O leitor interessado tem ao seu dispor uma vastíssima obra de investigação, com base nas mais diversas provas materiais e documentais alemãs e aliadas. Tem, pelo menos por enquanto, sobreviventes e testemunhos humanos que ultrapassam tudo o que a imaginação pode abarcar. O que eu

pretendo demonstrar é que por detrás da negação do Holocausto e a coberto "de uma leitura crítica da história" esconde-se apenas uma miserável impostura ao serviço de uma atitude ideológica antijudaica e anti-sionista.

No momento actual, o anti-semitismo tem uma particularidade totalmente nova. Já não se exerce em nome de uma visão racial da questão, como foi apanágio do nazismo e da extrema-direita. Hoje, é através da representação demoníaca do sionismo que se reconstitui a visão antijudaica. E esta visão é tanto mais perigosa, quanto ela se manifesta em nome dos direitos humanos. É em nome dos direitos do povo palestino que se libertam hoje as pulsões anti-semitas, passando assim despercebidas ou pelo menos impunes. Não é por acaso que, desde há alguns anos, se sucedem, em particular em França, ataques a sinagogas, ameaças e agressões físicas e verbais a jovens judeus nas escolas, levando-os a um verdadeiro êxodo do ensino público, sem provocar reacções dos poderes ou dos meios de comunicação social. É que, como refere Taguieff, "estas manifestações banalizaram-se pela sua perfeita integração no cenário ideológico dominante" e que é mais ou menos o seguinte: o sionismo é um colonialismo, um racismo e um imperialismo, os judeus são todos mais ou menos sionistas, portanto também são colonialistas, racistas.... Que conclusão tirar desta lógica? Na Conferência de Durban, supostamente contra o racismo, realizada no ano 2000, a Associação de Juristas Árabes distribuiu um folheto com a fotografia de Hitler, onde à seguinte questão formulada: "E se Hitler tivesse ganho?", respondia com a evidência do ovo de Colombo: "Não teria havido Israel, nem sangue palestino derramado."

Palavras para quê?

Público, Sexta-feira, 04 de Abril de 2003.

6/

"Holocausto" em Debate

Por **Pedro Miguel Melo de Almeida**

Começo por citar José Manuel Fernandes: "É de convicções fortes e diferentes que se faz o verdadeiro pluralismo - não dos nossos consensos moles e cobardes". Ora o debate sobre o "holocausto" nazi, que está cada vez mais aceso, por razões de espaço não se poderá prolongar nas páginas de um jornal. Por isso, estou disponível para um diálogo sereno com quem quer que seja em <mailto:Pedro.Mm.Alm@netcabo.pt>. E tenho que agradecer tanto a Mafalda Ivo Cruz como a Esther Mucznik a ajuda no relançamento do debate sobre o tema.

Quanto ao texto de Mafalda Ivo Cruz de reacção ao meu último texto, apenas três notas: desejo rápidas melhoras em relação às vertigens e aos vômitos: talvez seja melhor remeter a obscuridade para o Diácono remédios, protagonizado por Herman José; e, para ser uma boa escritora, é necessária muito mais leitura, a fim de evitar cair num oceano de disparates. Também deve ter mais cuidado ao entrar pelo estafado terreno das leituras psicanalíticas: afinal foi o pai da psicanálise, um judeu, quem em *Moisés e a religião monoteísta concluiu* que toda a história religiosa do povo judeu não é mais do que uma neurose colectiva...

Sobre o último texto de Esther Mucznik é intelectualmente desonesto a começar pelo próprio título: "E se Hitler tivesse ganho?" Pergunta absurda no contexto do debate, tanto mais que no meu artigo afirmo que o nazismo foi uma barbárie. Mas diferente da que é apresentada pela História oficial judaica. Lembra a Conferência de Durban, onde se afirmou que se Hitler tivesse ganho não teria havido Israel, nem sangue palestino derramado. Esquece-se de que isso é a tradução desesperada de um povo que não vê a sua pátria reconhecida.

Esther Mucznik está esquecida, mas recordo-lhe as "humanas" palavras de Ariel Sharon, numa entrevista a Amos Oz: "É melhor ser um judeu nazi vivo do que um santo morto (...). Ainda hoje, por Israel, estou disposto a fazer qualquer trabalho sujo, a matar quantos árabes for preciso, a deportá-los, expulsá-los, queimá-los (...). Quando o trabalho sujo estiver feito, podem levar-me diante do tribunal e fechar-me na cadeia até à morte". Resta-nos pois a esperança e a luta por um seu exemplar julgamento.

Manifesta uma grande preocupação pelo recrudescimento do anti-semitismo, particularmente em França. Foge contudo à explicação dos verdadeiros porquês de tal atitude, em especial, entre os jovens, mas eu não. O *Le Monde* de 19/04/1997 noticiava que um documentalista do liceu Edmond Rostand de St. Jean L'Aumône, com a complacência da LICRA

(Liga Internacional contra o racismo e o anti-semitismo), retirara da biblioteca cerca de cinquenta livros considerados como "perigosamente revisionistas e xenófobos e fazendo a apologia dos crimes de guerra". Exemplos de autores retirados: Joseph de Maistre, Maurice Barrès, Alain Peyrefitte (antigo ministro de De Gaulle), Jean-François Deniau, Marc Fumaroli, Jean-François Revel (imagine-se!), o historiador André Castelot, Jean Tulard...

Um pateta desacreditado como o é Elie Wiesel, nas suas obras "Against Silence e And the Sea" chega à "brilhante" conclusão de que os judeus são ontologicamente excepcionais. Quem é que ajuda ao florescimento do anti-semitismo? O mito do "povo eleito" não será a outra face do absurdo do mito racial de Hitler?

São acções como estas que levam a uma imensa revolta, em especial em França, e ao florescimento do anti-semitismo. Claro que o anti-semitismo é errado e absurdo, mas será assim que poderá ser combatido?

É tempo sim de se acabarem com uma série de falsidades históricas, como a de uma das maiores fraudes literárias do séc. XX: o diário "de" Anne Frank. O original do livro, para além de várias análises hermenêuticas, foi submetido a exames laboratoriais de tinta. Resultado: grande parte da tinta é de esferográfica. Ou seja, uma invenção dos anos 50... Esther Mucznik terá coragem de negar isto?

Agora anunciam uma nova e desconhecida parte do diário, numa derradeira tentativa de salvar o que não é salvável. Isto quando o "Institut for historical review" oferece um prémio de muito dinheiro a quem provar a autenticidade do Diário, mas até agora essa sorte não bateu à porta de ninguém.

Por outro lado, é completamente falso que Faurisson tenha sido desmentido por "toda a comunidade científica". Ou será que os laboratórios Commonwealth of Massachusetts Department of Environment Quality Engineering, os laboratórios de Cracóvia e de Viena, não fazem parte de "toda a comunidade científica"? Qual foi, por exemplo, a resposta do laboratório de Cracóvia ao pedido do museu de Auschwitz? Foi a confirmação, no essencial, da linha de investigação derivada de Faurisson...

A cegueira de Esther Mucznik ninguém escapa. Nem autores israelitas e judeus professores universitários em Israel... Por exemplo: segundo Mucznik, Paul Rassinier faz parte da "gente muito conceituada nos meios negacionistas". Este homem foi prisioneiro em campos de concentração nazis. Mais tarde, foi deputado do PS francês. Será que nega os sítios onde ele próprio esteve? Ou será um nazi encapotado? A heroicidade destes homens é lutarem por uma livre e rigorosa investigação e liberdade de expressão contra falsidades, deturpações, tabus e crenças.

Faz bem Esther Mucznik em não polemizar sobre os números dos mortos de Hitler. Era assim que deviam ter feito desde o início. E não mitificarem cifras para as quais não têm provas. Quanto às fotografias dos campos em funcionamento, não cita uma única fonte que prove a autenticidade das mesmas. Dizer que o leitor tem ao seu dispor uma vastíssima obra de investigação, com base nas mais diversas provas materiais e documentais alemãs e aliadas, não significa nada. Quais são, para se consultar?

Eu, pelo contrário, apelo a todos os que pretendam ir mais fundo nestes temas: leiam *A Indústria do holocausto*, de Norman Finkelstein, editado pela Antígona. Ou será que é mais um "panfleto"? O autor é um judeu norte-americano, professor universitário e filho de sobreviventes do gueto de Varsóvia e de campos de concentração...

Esta obra não incide sobre o que aconteceu ou não aconteceu, mas sim sobre a exploração comercial do "holocausto" e trata dos enormes escândalos associados aos pedidos de indemnizações e demonstra que grande parte da literatura sobre o "holocausto" não passa de produtos comerciais.

E será que estou ao serviço de uma atitude anti-judaica e anti-sionista? Anti-judaico não sou. Nada tenho contra o povo e a cultura judaica. Sou é anti-sionista. Ora tentar confundir anti-semitismo com anti-sionismo ou revisionismo com negacionismo é também uma forma de desonestidade intelectual.

Público, Segunda-feira, 14 de Abril de 2003.

De Novo, a Mentira da Negação do Holocausto...

Por Irene Flunser Pimentel

No final do século XX, houve em Portugal alguns episódios pontuais de manifestações anti-semitas, em que foi feito recurso à negação do Holocausto. Em 1996, Artur Nunes da Silva negou o que chamou "mito do Holocausto" (JN, 2/8) e Silva Resende, director de *O Dia* (10/9), desculpabilizou os crimes nazis, e, no ano seguinte, um candidato à presidência da Câmara Municipal do Porto, general Carlos Azeredo, colocou aspas ao referir-se ao Holocausto (*Público*, 1/8). Recebeu aliás o apoio de Alberto João Jardim, que afirmou saber «o que é a organização do movimento judeu internacional» e considerou «uma hipocrisia apenas se falar nos crimes do nacional-socialismo» (*Público*, 16/8 e 20/8/97).

Eis que surge agora no *Público* de 24/3/2003, um texto de Pedro Miguel Melo de Almeida, onde são, de novo, colocadas aspas na palavra Holocausto e onde se põe em causa a cifra de seis milhões de judeus mortos. Claro que não vou entrar no jogo obscuro de reduzir pessoas mortas a números, discutindo cifras, até porque muitos historiadores, baseados em factos, já as provaram. Não deixo, porém, de registar o facto de, ainda hoje, os nazis, que tudo fizeram para ocultar o extermínio em massa de judeus, encontrarem advogados de defesa que desculpabilizam — ou antes, justificam — os massacres. Depois, de forma desonesta, o leitor mistura revisionistas e negacionistas, como Robert Faurisson ou Roger Garaudy, com historiadores, que, segundo ele, «são revisionistas e lutam contra ao sionismo» — Zev Sternhell e Yehuda Bauer, entre outros. É claro que estes são convocados, não por serem historiadores, mas por serem «judeus», e se omite que nenhum deles é revisionista nem nega o Holocausto. Finalmente, o leitor apela «ao livre exame e ao livre debate», como se verdade e mentira em História se equivalassem e esta se confundisse com opiniões políticas e ideológicas. Deliberada e já velha é também a forma como, por trás de uma pretensa posição anti-«sionista» — politicamente correcta —, se revela uma atitude claramente anti-«semita». «Chassez le naturel! Il revient au galop».

Não vou entrar em diálogo com o leitor, não porque seja contra o pluralismo de opiniões, mas porque um diálogo supõe um terreno comum e um comum respeito — na ocorrência — pela verdade. Tal como escreveu o historiador Pierre Vidal-Naquet, há vinte anos, se é verdade que se pode e deve discutir sobre os "revisionistas", analisando os seus textos da mesma forma como se faz a anatomia da mentira e caracterizando os seus fundamentos ideológicos e anti-semitas, «não se discute com os "revisionistas"». A negação do Holocausto, muitas vezes travestida de «revisionismo», já foi suficientemente desmascarada para ser sujeita a debate. Inclino-me, porém, contra certas opiniões, para achar que os negacionistas têm direito à liberdade de expressão, até porque o a negação do Holocausto e das câmaras de gás teve o efeito beneficentemente perverso de obrigar os historiadores a melhor aclarar os factos e a investigar, de forma redobrada, o terrível genocídio cometido pelo regime nazi. Obrigou-os também a uma reflexão sobre o estatuto do «facto» no discurso histórico, sem o mitificar mas também sem o evacuar, em proveito unicamente do discurso, como o fez certo pós-modernismo e «criticismo». Este último não é, porém, a mesma coisa que o «hipercriticismo», de que se reclamam os revisionistas, e que deve ser desmistificado, dado que a diferença entre a verdade e a mentira não é uma questão quantitativa mas qualitativa.

É verdade que a linguagem utilizada pelos nazis para falar da «solução final» era codificada e, por isso, o historiador tem de descodificá-la. O facto de não ter sido descoberto ou não existir nenhum documento onde Hitler ordene explicitamente o extermínio, não invalida o facto que ele tenha existido. Significa só que essa realidade deve ser procurada noutros indícios, que os há e muitos, desde os fornecidos pelos testemunhos das vítimas como pelos dos carrascos. Os historiadores sabem que a verdade é fugidia e passível de ser revista e que há uma grande dose de subjectividade na escolha das fontes utilizadas. Mas, isso não significa que sejam considerados legítimos e equivalente todos os pontos de vistas e perspectivas, ou que se denegue toda a existência possível da «realidade». O relativismo, de que se alimentam os que negam o Holocausto, acaba por postular que não é possível uma história comum, mas só representações antagónicas e diferenciadas, bem como por instilar a dúvida quanto à possibilidade de escrever uma história que se reclame de uma parte mínima, compreensível, de verdade. Se toda a história é narração, dado que explicar é contar, a narração histórica subordina-se a critérios de verdade e baseia-se em provas e argumentos.

Os factos do Holocausto estão devidamente comprovados em documentação e indícios orais e escritos. É a partir deles, da existência real dos campos de extermínio, das câmaras de gás, de milhões de vítimas, que surgem diversas interpretações historiográficas sobre o Holocausto (sem aspas). Alguns historiadores consideram o extermínio um objectivo claramente definido à partida por Hitler, enquanto outros acentuam os meandros do caminho percorrido até ao Holocausto e a responsabilidade de uma cadeia interminável de outros responsáveis. É hoje maioritariamente partilhada a ideia de que a destruição dos judeus e outras categorias consideradas inferiores (ciganos, polacos, russos, associas, homossexuais) teve um carácter cumulativo, procedendo por graus: a definição dos judeus, depois, a proibição de certas actividades e profissões, a expropriação, a concentração em guetos, a deportação e, finalmente, o assassinato em massa.

Quando foi decidido o ataque à URSS, iniciado em Junho de 1941 e descrito por Hitler como uma «guerra de aniquilação total», o comando da Wehrmacht emitiu a Kommissarbefehl (ordem dos comissários), que ordenava a liquidação de todos os comissários soviéticos, incluindo nessa categoria os comunistas e judeus. Em Outubro, iniciou-se a deportação dos judeus do território do Reich para os guetos e começaram os massacres de judeus, em Riga e Chelmno. A máquina da aniquilação tinha sido posta em movimento. Só faltava planear e a «solução final», que ficou entregue à chefia das SS, na conferência de Wannsee (Berlim), de Janeiro de 1942. Os motores diesel utilizados para matar em Chelmno e Maidanek foram substituídos pelo gás Zyklon B. O primeiro massacre dos judeus dos guetos da Polónia — a chamada Aktion Reinhard — ocorreu no campo de Belzec, transformado em campo de extermínio, ao qual se juntaram os campos de Sobibor, Treblinka e Auschwitz/Birkenau, onde as câmaras de gás começaram a funcionar em Junho de 1942.

Historiadora

Público, Segunda-feira, 14 de Abril de 2003.

8/

O problema do «holocausto»

Pedro M. Melo de Almeida

Início, com todo o gosto, a minha colaboração com este jornal, dando sequência a um polémica no jornal *Público* e terminada no mesmo jornal, em 14/04/2003.

Aconselho a ler, sobretudo, a página de «Polémica», publicada nesse dia, no referido jornal.

Por motivos pessoais, não pude elaborar mais cedo, a propósito do «holocausto» nazi, uma resposta, em especial a Irene Pimentel.

É verdade que o assunto, num jornal, não se poderá prolongar indefinidamente. No entanto, justifica-se uma adequada resposta às últimas reacções.

Devo reconhecer que o texto de Irene Pimentel mostra um nível cultural superior aos textos de Esther Mucznik e de Mafalda Ivo Cruz, a propósito do tema. No entanto, contém graves falsidades que urge serem rebatidas.

Por outro lado, não fica nada bem o tom pseudo-professoral.

Diz que não entra «no jogo obscuro de reduzir pessoas mortas a números, discutindo cifras, até porque muitos historiadores baseados em factos, já as provaram».

Nem eu, nem qualquer revisionista sério reduz pessoas a números. O problema não é esse. É, antes, pedir a reposição da verdade histórica ou a ela se fazer um aproximação tanto quanto possível.

É falso que «muitos historiadores baseados em factos já as provaram». Quem é que «provou» e baseado em que «factos» e em que documentos?...

Porque o cerrado silenciamento da obra *Le Drame des juifs européens*, de Rassinier ?... E, no entanto, é das obras mais bem documentadas sobre os números. E depois dizem que Rassinier é um negacionista! Vá lá, que nunca negou ter saído de maca do campo de concentração onde se encontrava, após a libertação...

Por exemplo, porque razão é que Raul Hilberg, na 2.^a edição da sua obra *A destruição dos judeus na Europa*, suprimiu todas as referências às ordens ou às decisões de Hitler, a propósito da «solução final» ?

Não sendo revisionista, Raul Hilberg fez, na sua obra, importantes revisões... Embora alimentasse alguns disparates como o da «solução final» se comandada pelo poder do pensamento...

Não acredito que Irene Pimentel tivesse lido as obras de Zev Sternell ou a obra *Juifs à vendre*, de Yehuda Bauer.

É ou não é verdade que Yehuda Bauer, nesta sua obra, faz luz, de forma bem documentada, das conversações, dos entendimentos e dos acordos entre as autoridades sionistas e as autoridades nazis ? Por exemplo, é Yehuda Bauer que nos faz saber que Eichman fez a proposta ao delegado sionista Brand, de uma troca de um milhão de judeus por 10.000 camiões... Estas propostas inseriam-se no objectivo nazi de destruição do bolchevismo. Estamos aqui perante factos da História, que têm sido insistentemente ocultados.

Ora, estes e outros factos permitem que se estude o período em questão, a uma nova luz. Neste sentido, quer se queira ou não, está-se a fazer uma revisão da História.

Também nem eu, nem qualquer revisionista sério justificamos ou desculpabilizamos o que relamente aconteceu. Não se trata de fazer quaisquer juízos de valor nesse sentido. Mais uma vez afirmo : Pede-se a reposição da verdade histórica.

Ainda a propósito dos números, atente-se nisto : *A Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, na entrada Campo de Concentração, afirma o seguinte: «Calcula-se que tenham perecido ao toda em Auschwitz mais de 2,5 milhões de pessoas».

Pergunto eu : Quem e como é que calcula ?...

No site do Museu de Auschwitz afirma-se que em Auschwitz pereceram no total entre 1 a 1,5 milhão de pessoas.

Qual é a diferença entre 2,5 milhões e 1,5 milhões de pessoas ? É uma diferença de 1 milhão de pessoas... Onde é que está a verdade histórica e não uma «verdade política» ? Quem, nestes casos, está mais perto da verdade histórica ?

Exactamente porque as pessoas não são números, urge a reposição da verdade histórica. O que é facto, é que neste domínio ninguém se entende.

Mas, Irene Pimentel, à semelhança de tantas atitudes cobardes, não aceita o debate e com isso envergonha a própria História.

No entanto, faz aos leitores uma revelação surpreendente : «A negação do holocausto e das câmaras de gás teve o efeito benéficamente perverso de obrigar os historiadores a aclarar os factos e a investigar, de forma redobrada o terrível genocídio cometido pelo regime nazi. Obrigou-os também a uma reflexão sobre o estatuto do «facto» no discurso histórico, sem o mitificar mas também sem o evacuar, em proveito unicamente do discurso, como o fez certo pós-modernismo e "criticismo"».

Pergunto eu : Onde é que está a perfídia ?... Que confissão é esta de uma historiadora que reconhece que a negação do «holocausto» obrigou os historiadores ao que obrigou ?

Não era e não é essa a missão dos historiadores, independentemente dos revisionistas ou dos negacionistas ? Dá que pensar !

Não existem quaisquer provas de que a mensagem utilizada pelos nazis para falar da «solução final» era codificada. Quais são e onde é que estão essas provas ? Não existem !

Quando muito isso será uma mera hipótese de trabalho. Contudo, enganadora. Trata-se de uma artimanha para fazer dizer aos documentos aquilo que se quer que eles digam... E então, aí, vale tudo. Mesmo, por absurdo, admitindo essa hipótese, quais são os critérios que «provam» que um documento está em cifra e quais são os critérios que levam à sua objectiva descodificação ? Nada nos é dito a esse respeito...

Se formos pelos testemunhos dos nazis e dos ex-prisioneiros teremos debate para durar.

É possível sim e desejável um História comum. Mas, assente no integral respeito pela verdade histórica, pela livre investigação e exposição. Ao invés da censura, do silenciamento, das agressões, das calúnias, dos julgamentos políticos, etc; tantas vezes feitos em nome da democracia e da liberdade.

A realidade das deportações (depois de terem falhado os plans de Madagáscar), dos campos de concentração e, nestes, da fome, das doenças, das epidemias (sobretudo os horrores do tifo que naquela altura grassava e era combatido com Zyclon B), de torturas, de execuções, de experiências médicas em prisioneiros e de trabalhos forçados levando também a esgotamento e à morte é, neste tema, infelizmente a verdade histórica, da qual não se, pode sair. E já é mais do que suficiente para se entenderem o que é que aconteceu.

A polémica em torno das «câmaras de gás»

Sobretudo depois das perícias forenses feitas por Leuchter em Auschwitz, Birkenau e Maidanek e do reconhecimento, por parte do Museu de Auschwitz, de que certas instalações de desinfecção, deve ser criada uma comissão internacional de peritos, composta também por revisionistas e adversários do revisionismo, cujo trabalho seja integralmente garantido, com vista ao total esclarecimento sobre o problema das «câmaras de gás».

ARTP2 teve a coragem de transmitir um documentário sobre a vida e obra de Leuchter, embora só a partir das 00h30m di dia 11/025/2003, onde se incluíam as investigações e conclusões de Leuchter sobre as «câmaras de gás».

Já agora, a propósito disso : É ou não é verdade que finalmente todos chegaram ao reconhecimento de que nunca existiram «câmaras de gás» em Dachau ? Então porque é que a sua existência foi afirmada anos a fio ? Será por isso que Irene Pimentel prefere falar em Riga em Chelmo ?

Mas, também os problemas sobre os motores a diesel dão muito que conversar.

As datas apontadas por Irene Pimentel, para o início do funcionamento das «câmaras de gás», não coincidem com as datas apontadas pelo Museu de Auschwitz. Em que é que ficamos ?

É, por exemplo, curioso que o próprio Elie Wiesel, na sua obra *La Nuit*, nunca refira a existência de câmaras de gás.

Quantos mais anos serão precisos para continuar a obrigar os Historiadores ?...

Algumas questões incómodas

É ou não é verdade que Karl Koch, comandante do campo de Buchenwald, acusado de corrupção e assassinio foi fuzilado ? É ou não é verdade que Hermann Florstedt, comandante do campo de Maidanek, foi enforcado na presença dos prisioneros ?

É ou não é verdade que a Cruz Vermelha Internacional publicou um relatório-documento sobre um das suas visitas, antes de 1945, ao campo de Auschwitz (Comité Internacional da Cruz Vermelha — *Documentos sobre a actividade do CICV em favor dos civis detidos nos campos de concentração*), onde nunca menciona que foi impedida de visitar o que quer que fosse ou de falar com os próprios prisioneiros e que afirma que não encontraram quaisquer «câmaras de gás» e que assim não puderam confirmar alguns rumores existentes no exterior ?

Porque é que tudo isto e muito mais tem sido insistentemente escondido ?

É ou não é verdade que Kubovy, director do centro de documentação judaica contemporânea, de Tel Aviv, reconheceu que as autoridades do III Reich nunca ordenaram exterminação por meio de gás ?

É ou não verdade que o «documento» Gerstein não foi considerado como prova pelo próprio tribunal de Nuremberga ?

Alguma pessoas que viram o filme *A lista de Schindler* ficaram muito impressionadas com a suposta heroicidade do protagonista. Eu não fiquei o que o protagonista faz passou a ser, a partir de determinada altura, prática corrente da Alemanha nazi. Sobretudo para alimentar a máquina de guerra com mão-de-obra barata.

O objectivo oculto do filme não é tanto mostrar um suposta heroicidade de Schindler. É, antes, tentar mostrar que existiram «câmaras de gás», com vista ao assassinio de seres humanos.

Irene Pimentel prefere deslocar-se para o problema da invasão à ex-URSS. E é verdade o que diz a essere respeito. Alias, essa deslocação de análise é importante. Permite uma melhor compreensão de um dos grandes objectivos do regime nazi : O combate contra o bolchevismo.

Mas, é pena não nos ter falado im pouco sobre o pacto germano-soviético... ou sobre os gulags soviéticos. Porque seria ?...

Também nos poderia falar im pouco sobre os bombardeamentos de Dresden, que atingiram indiscriminadamente milhares e milhares de civis inocentes...

Mas, sobre os meus textos disse, por exemplo, Inês Perosa, no *Expresso*, que eu tenho tido «um vasto espaço de pregação anti-semita» no *Público*...

Inês Pedrosa : Como é possível um grau de ignorância tão grande ? Ou as vendas do seu livro estão a correr mal ?

Às crianças com uma birra dá-se-lhes um rebufado. A si posso-lhe aconselhar a obra *Estrella da redenção*, de Franz Rosenzweig...

O mesmo em relação a Augusto M. Seabra, que se se sente incapaz de escrever num espaço de debate livre, sério e plural, conserva, contudo, a sua liberdade... Afinal parece que a carapuça foi maior do que a apontada por José Manuel Fernandez, na parte que lhe tocava.

Augusto M. Seabra : Tente pôr a questão da «indignidade» ao Director da Biblioteca Nacional... Instituição esta que recentemente adquiriu a obra [Ecrits révisionnistes](#) (duas mil páginas !), de Robert Faurisson...

Mas, é bom sinal. Alguns, quando se vai um pouco mais fundo, sentem o tapete a fugir debaixo dos pés... E depois têm a ousadia de se afirmarem pela liberdade e pela democracia. Tema que talvez dê um excelente debate...

Vale a pena, a este respeito, citar aqui um exerto de uma declaração da «Librairie Ancienne Nicole Nicolas» no seu site, a propósito de ter a venda uma obra de Robert Faurisson:

«Eu volto a recordar que, como livreiro, submeto um livro à venda, portanto à informação e, dester facto, eu não sou censor. Quer dizer que eu não estou a julgar nem a defender as teses que relevam do direito de cada um à livre expressão. Um dos direitos fundamentais do individuo, cada vez mais mal tratado. Se, portanto, est obra perturba, se Faurisson perturba, eu lavo nobremente as mãos. Dito ista, toda a tentativa histórica de ataques a meu respeito, vem de espiritos perturbados ou funcionalmente totalitários».

Ao ponto a que chegou a França da liberdade e da democracia... Um livreiro ter que justificar ter uma obra à venda.

Aos que têm dialogar comigo com objectivo de também irem mais fundo nestes terras; envolvo-os a todos no mesmo abraço e peço-lhes que unca desistam da verdade.

Quem se interessar por estes temas; podera adquirir, por exemplo, a obra *A indústria do holocausto*, da autoria de Norman Finkelstein e que está traduzida em português pela Editora Antígona. O autor é um judeu norte-americano e filho de sobreviventes do gueto de Varsóvia e de campos de concentração. Recomendo vivamente a leitura.

Outras obras são de muito mais difícil acesso. Como, por exemplo, as obras [Les Mythes fondateurs de la politique israélienne](#) e [Le Procès du sionisme israélien](#), da autoria de Roger Garaudy ou [as obras de Robert Faurisson](#) e de [Paul Rassinier](#).

Poderei faultar fotocópias, na medida do possível.

Lembro a célebre frase : O tempo é o grande mestre que tudo descobre.

Termino por dizer : No contexto do tema, curvo-me perante a memória de todos quantos sofreram e faleceram. A luta pela verdade histórica, ao invés da «verdade» política, é uma das maiores homenagens que se lhes pode prestar. Foram apagados desta vida. Mas não form nem serão apagados da História.

*Licenciado em Filisofia. Professor e Investigador.

Público, 20 05 2003 p. 20-21.

[Ved. la página LIVRES do nostro site.](#)

Cf. Inês Pedrosa, *Crónica Feminina*, 458 páginas, Publicações Dom Quixote 2005

Somos netos desse lugar de abominação onde não estivémos (...). Os filhos de Auschwitz fugiram do horror; os netos têm de o recuperar, são os últimos que podem fazê-lo - e iluminá-lo, procurando compreendê-lo, para limitar as suas repetições. A arte não traz a porta de saída de Auschwitz, e não apenas porque os carrascos se arrepiavam perante a grande música ou lacrimejavam diante de um mau poema. Não podemos entregar nada aos carrascos, nem sequer o privilégio de demarcar um campo estético (...). Mas há um problema ético: a arte, mesmo a mais imune ao kitsch, pertence ao campo do belo - e é imoral extrair emoções de Auschwitz: Porém, **será ainda mais imoral rasurar emocionalmente Auschwitz e atingir esse ponto de complacência em que aceitamos que 12 deputados do Parlamento alemão saiam da sala em protesto contra a homenagem às vítimas do Holocausto. Aconteceu agora, na passagem dos 60 anos da libertação de Auschwitz. E 41 países membros da ONU - cujos nomes foram mantidos num incompreensível segredo - votaram contra idêntica homenagem.**(...)

Quando, no dia 27 de Janeiro, me sentei por uma hora na Livraria Buchholz para ler e e escutar outras leituras sobre a Shoah (perfeita palavra, onomatopaica e silenciosa), queria falar do Bloch (Marc Bloch, fuzilado depois de torturado) e dizer que somos todos judeus. Não consegui dizê-lo ali. Mas continuarei a escrevê-lo, porque nas mãos dos netos repousa o trabalho da eternidade. Shoah.

Inês Pedrosa, *Expresso*, 5/02/05.

Revisionismus in Portugal : Das Problem des "Holocaust"

von Jürgen Graf

Quelle: *Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung* 7 (3&4) (2003), S. 398f.

<http://vho.org/VffG/2003/3/Graf398f.html>

ESCRavidÃO

Os Judeus e a Escravidão na América do Sul

A Companhia das Índias Ocidentais controlou um território na América do Sul conhecido como Guiana. Embora fértil, ela foi deixada à toa em favor do desenvolvimento do Brasil. Quando os portugueses reclamaram o Brasil em 1654, a Companhia puxou um prospecto convidando os judeus, "sob condições tentadoras", para colonizar a costa selvagem da Guiana Ocidental inclusive com provisões para trabalho escravo:

Regulamento Sobre de que Maneira e Condição os Negros Serão Entregues na Wilde Cust [sic]

1. Serão entregues na dita Cust tantos negros para que cada um achará ocasião, Os quais serão pagos aqui apresentando o Recibo, em dinheiro vivo a cento e cinqüenta florins por cada homem ou mulher.
2. Crianças de oito a doze anos serão contadas, duas por uma peça, abaixo de oito anos três por um a cria vai com a mãe.
3. Aquele que adiantar o Pagamento diante da Receita desfrutará do desconto de Dez Centavos de £.
4. A todos aqueles que vierem a Pagar e comprar em dinheiro Vivo se eles desejarem eles terão tal número de negros. Comprometendo-se a pagar dentro de cinco anos e após eles irá pagar por cada homem, mulher ou criança como sobre a soma de duzentos e cinqüenta e aquele que adiantar o Pagamento terá desconto de Dez Por Cento ao ano e então aquele que vier a comprar em dinheiro vivo será engajado para o Pagamento dos outros.

Alguns desses documentos, descobertos entre os Egerton Manuscripts no British Museum, são evidências de uma concessão inglesa para os judeus. Eles foram aparentemente traçados por judeus na Holanda, em 1657, e aprovados pelo comitê de colonização em 12 de novembro daquele mesmo ano, embora algumas emendas tenham sido adicionadas depois. O preço e a disponibilidade de negros africanos para os colonos judeus apareceram como um assunto crítico por toda a documentação. O acordo parece ter sido revisado por meio de negociações com "um comitê da nação judia". O adendo está intitulado "Requerimento para o Aumento das Condições Impressas e Publicadas Relativas à Colonização da Costa Selvagem", e altera o contrato inicial de várias maneiras, mas principalmente assegura aos colonos que as autoridades: [intencionam] manter a costa selvagem bem provida de mercadorias e de negros a fim de assim promover sua venda e uso locais. Quando o país estiver desenvolvido e guarnecido de tudo eles irão então fazer regulamentos para levar mercadorias e negros para fora dali a um certo preço.

Veja Samuel Oppenheim, "An Early Jewish Colony in Western Guiana: Supplemental Data," *Publications of the American Jewish Historical Society*, vol. 17 (1909). Outros dados suplementares são fornecidos por *The Secret Relationship Between Blacks and Jews*, pp. 49-56.

"A Companhia das Índias Ocidentais, que monopolizava a importação de escravos da África, vendia escravos em leilões públicos a pagamento em dinheiro. Ocorria que o dinheiro estava na maioria nas mãos dos judeus. Os compradores que apareciam nos leilões eram quase sempre judeus, e devido esta falta de competidores eles podiam comprar escravos a baixos preços. Por outro lado, não havia competição na venda dos escravos para os proprietários de plantação e outros compradores, e a maioria deles comprava a crédito pagável na próxima colheita em açúcar. Os lucros que iam até 300 por cento acima do valor de compra eram frequentemente obtidos com níveis elevados de juros... Se acontecia da data de um leilão cair num feriado judaico o leilão era adiado. Isto aconteceu na sexta-feira de 21 de outubro de 1644."

Arnold Wiznitzer *Jews in Colonial Brazil* (1960), pp. 72-3;

[Nota: Wiznitzer, Arnold Aharon, educador; Nasceu na Áustria, em 20 de dezembro de 1899; Ph.D., University of Vienna, 1920; Doutor de Literatura Hebraica, Jewish Theological Seminary of America;

Professor pesquisador emérito, University of Judaism, Los Angeles; Colaborador de jornais de história nos Estados Unidos e Brasil incluindo o jornal de Jewish Social Studies e as Publications of the American Jewish Historical Society. Ex-presidente do Brazilian-Jewish Institute of Historical Research].

Dr. Herbert I. Bloom:

"Os habitantes cristãos [do Brasil] sentiam inveja porque os judeus possuíam algumas das melhores plantações nas várzeas fluviais de Pernambuco e estavam entre os principais donos e comerciantes de escravos da colônia."1 "O comércio de escravo [sic] foi uma das mais importantes atividades judias aqui [no Suriname] como em qualquer outro lugar das colônias."2

1. "A Study of Brazilian Jewish History 1623-1654, Based Chiefly Upon the Findings of the Late Samuel Oppenheim," Publications of the American Jewish Historical Society, vol. 33 (1934), p. 63.

2. The Economic Activities of the Jews of Amsterdam in the Seventeenth and Eighteenth Centuries (Port Washington, New York/London: Kennikat Press, 1937), p. 159.

[Bloom é rabino; B.A., Columbia University, 1923, Ph.D., 1937; M.H.L., Jewish Institute of Religion, 1928, D.D., 1955; rabbi, Temple Albert, Albuquerque, New Mexico, 1928-31. President Kingston Ministerial Association, 1945-46, and 1959-60; B'nai B'rith; Zionist Organization of America; vice-president, National Prison Chaplain Board, since 1962; Social Action Committee of Central Conference of American Rabbis, desde 1947; Author: The Jews of Dutch Brazil, 1936; The Economic Activities of the Jews of Amsterdam, 1937.]

Jews and Slavery in Surinam

"Os judeus de Joden Savanne (Suriname) foram também os primeiros na supressão das sucessivas revoltas negras, de 1690 a 1722: estas eram na verdade amplamente dirigidas contra eles, uma vez que eram os maiores donos de escravos da região."

Dr. Cecil Roth, History of the Marranos (Philadelphia: Jewish Publication Society of America, 1932), p. 292.

Os judeus participaram de atrocidades contra os cativos negros e às vezes as comandavam. No Suriname, Jon Stedman descreve uma cena marcante que ele testemunhou de um homem negro sendo "retalhado vivo em cima de uma mesa, sem o benefício de um coup de grâce ou golpe de misericórdia" - uma lenta execução presidida por um judeu de nome De Vries. O homem negro foi deitado sobre uma cruz de madeira com os braços e as pernas separadas e foi atado com cordas. O carrasco, ele mesmo um escravo, torou fora sua mão esquerda "depois pegou uma pesada barra de ferro com a qual com repetidos golpes ele quebrou seus ossos em pedaços, até a medula, o sangue e as lascas voarem pelo campo; mas o prisioneiro nunca deu um berro ou um sopro. As cordas sendo depois desatadas, eu o imaginei morto, e me senti feliz; até os magistrados começarem a partir, ele retorceu-se na cruz, quando caiu na grama e amaldiçoou a todos, como um grupo de bárbaros crápulas; ao mesmo tempo removendo sua mão direita com a ajuda de seus dentes, ele repousou sua cabeça em parte da madeira, e pediu aos que estavam em pé um cachimbo com tabaco, o que foi vergonhosamente respondido com chutes e cuspes sobre ele; até eu, com alguns marinheiros americanos, pensamos em impedir isso. Ele então suplicou para que sua cabeça fosse decepada; mas sem resultado. Finalmente, não vendo um fim para sua miséria, ele declarou: "que embora ele tivesse merecido a morte, ele não esperava morrer tantas mortes: porém (disse ele), vocês cristãos erraram seu alvo afinal, e eu agora não me preocupo, eu vou ficar assim por mais um mês".

Após o que ele cantou duas músicas improvisadas (com uma voz nítida) cujos temas eram dar um adeu a seus amigos vivos, e para informar aos seus conhecidos mortos que em muito pouco tempo ele estaria com eles, para desfrutar sua companhia para sempre num lugar melhor. Feito isso, ele calmamente entrou em conversação com alguns senhores sobre seu julgamento; relatando cada particular com tranquilidade incomum - "Mas", disse ele abruptamente, "pelo sol devem ser oito horas; e pelo longo discurso eu deveria ser desculpado por ser a causa de vocês terem perdido o café da manhã". Então, lançando seus olhos sobre um judeu, cujo nome era De Vries, "A propósito, sir", disse ele, "você teria o prazer de me pagar os dez shillings que você me deve?" "- Para quê?" "- Para comprar carne e bebida, para ser exato - você não percebe que eu vou ser mantido vivo?" Com esse discurso, vendo o judeu fitado como um bobo, este mutilado

infeliz continuou com uma alta e forte gargalhada. Depois, observando o soldado que lhe estava de sentinela mordendo ocasionalmente um pedaço de pão seco, ele lhe perguntou "como é que ele, um homem branco, não tinha carne para comer com aquilo?" "- Porque eu não sou rico", respondeu o soldado. "- Então eu vou lhe dar um presente, sir", disse o negro; "primeiro, tire de minha mão que foi torada os ossos, depois comece a devorar meu corpo, até você ficar farto; quando você tiver pão e carne você se tornará melhor", esta peça de humor foi seguida por uma segunda gargalhada; e assim ele continuou, até eu o deixar, cerca de três horas após a terrível execução. É realmente admirável que a natureza humana pudesse ser capaz de suportar tanta tortura, que sem dúvida poderia apenas ser suportada por uma mistura de ira, desprezo, orgulho e a glória de enfrentar seus torturadores, dos quais ele estava tão perto de escapar".

Meio à brutal repressão dos escravos negros no Suriname, os judeus rezavam:

Antiga Oração Hebréia em Tempo da Revolta dos Negros

Deus, abençoado e poderoso pela Eternidade, Oh, Senhor dos Exércitos, nós vimos como suplicantes diante de Ti para rezar pela paz no país como Tu ordenaste por Teu profeta. "Procurai a paz da cidade para onde vos desterrei e orai por ela ao Senhor, porque na sua paz vós tereis paz" (Jer. xxix, 7). Oh, Senhor, nosso Rei! Exaltado, poderoso e tremendo Criador de todos, que responde em tempo de dificuldade, tende compaixão de nós; tenha misericórdia, salve e liberte aqueles que estão preparados para combater nossos inimigos os negros, cruéis e rebeldes. Oh, Senhor dos Exércitos, conduza-os em paz e os guie para a vida conforme os desejos deles. Livra-os da mão do malvado e das serpentes nas florestas e nas planícies de toda a injúria e fracasso de dia e de noite. Como está escrito: "Não te assustarás do terror noturno, nem da seta que voa de dia, nem da peste que se propaga nas trevas, nem da mortandade que assola ao meio-dia" (Sal. xci, 5, 6). [Aqui seguem certo número de citações apropriadas adicionais da escritura]. Ensine e guie a eles com bom conselho e com o espírito do Teu conhecimento, seja a força e o refúgio para dominar, para conquistar e destruir debaixo dos pés deles todos os cruéis e rebeldes africanos, nossos inimigos que estão planejando o mal contra nós. ...Escute nossa oração pois Tu és Aquele que escuta as orações de todos. Amém.

"Miscellaneous Items Relating to Jews of North America," Publications of the American Jewish Historical Society, vol. 27 (1920), pp. 223-24.

"Por volta dos anos de 1670 a colônia do Suriname tinha 30.000 escravos, e o número aumentou para 75.000 antes da crise da Revolução Francesa que gerou uma intranquilidade por todo o Caribe e terras do continente... Enquanto a colonização holandesa foi típica do Caribe, com poucos brancos e poucas pessoas de cor livres vivendo numa sociedade formada por mais de três quartos de escravos negros, ela também desenvolveu características que marcaram a colônia como única em vários aspectos. Entre os plantadores nos séculos XVII e XVIII havia uma importante minoria de judeus. Nos anos de 1690 havia mais de cem famílias judias as quais possuíam 9.000 escravos trabalhando em 40 propriedades açucareiras. Embora proprietários judeus de escravos fossem encontrados nas ilhas das Índias Ocidentais holandesas e em Pernambuco no século XVII, poucos, senão nenhum, possuíam plantações ou eram ativos produtores de produtos primários. Mas no Suriname, pelos anos de 1760, famílias judias possuíam 115 das 591 propriedades da colônia e formavam o maior número dos brancos nascidos no lugar. Lá desenvolveu-se mesmo uma pequena comunidade de mulatos judeus livres que em 1759 formaram sua própria sinagoga. Mas tantos os judeus brancos quanto os mulatos diminuíram nos fins do século XVIII e por volta de 1791 eles eram um elemento insignificante na sociedade".

Herbert S. Klein, *African Slavery in Latin America and the Caribbean* (New York: Oxford University Press, 1986), pp. 132-33.

Veja as 1.265 notas de rodapé em *The Secret Relationship Between Blacks and Jews*

<http://holocaustonegro.jeeran.com/>

HISTORIA DE UMA CENSURA

17/09/2003

STF nega Habeas Corpus a editor de livros condenado por racismo contra judeus

HISTÓRICO

O julgamento do pedido de Habeas Corpus (HC 82424) de Sigfried Ellwanger, iniciado em dezembro do ano passado, levou nove meses para ser concluído. O pedido, no entanto, foi negado em junho, quando a **maioria dos ministros entendeu que a prática de racismo abrange a discriminação contra os judeus.**

Após o voto do ministro Moreira Alves, em 12 de dezembro de 2002, um pedido de vista do ministro Maurício Corrêa suspendeu o julgamento por divergir do relator. Moreira Alves defendeu a tese de que os judeus não podem ser considerados como "raça" e Maurício Corrêa questionou "a interpretação semântica".

Em abril deste ano, o recurso voltou ao Plenário. **Maurício Corrêa disse que a genética baniu o conceito tradicional de raça e que a divisão dos seres humanos em raças decorre de um processo político-social, originado da intolerância dos homens.**

Foi a vez do ministro Gilmar Mendes pedir vista. Na mesma sessão, no entanto, o ministro Celso de Mello preferiu antecipar seu voto, no mesmo sentido das razões defendidas pelo ministro Maurício Corrêa.

Em junho, o Habeas Corpus voltou a julgamento com o Plenário completo, já com a presença dos novos ministros Carlos Ayres Britto, Cezar Peluso e Joaquim Barbosa. Dos três, o ministro Joaquim Barbosa foi o único a não votar por ter assumido a vaga do relator do pedido, Moreira Alves.

Na sessão de 26 de junho deste ano, após o voto do ministro Antônio Peluso houve o pedido de vista do ministro Carlos Ayres Britto. Nesta mesma sessão, votaram os ministros Gilmar Mendes, Carlos Velloso, Nelson Jobim, e Ellen Gracie.

A votação já havia atingido a maioria com o indeferimento do pedido, por 7 votos a 1. O ministro Marco Aurélio, no entanto, pediu vista do recurso.

O Habeas Corpus finalmente voltou hoje (17/9) ao Plenário com os votos dos ministros Marco Aurélio e Sepúlveda Pertence. Após a concessão do recurso pelo ministro Marco Aurélio, os ministros Celso de Mello, Carlos Velloso, Gilmar Mendes, Nelson Jobim e Cezar Peluso reiteraram seus votos. O ministro Sepúlveda Pertence encerrou o julgamento.

<http://www.angelfire.com/journal2/midiajudaica/especiais/castan-final2.htm>

17/09/2003

STF nega Habeas Corpus a editor de livros condenado por racismo contra judeus

O Supremo Tribunal Federal **manteve a condenação** do editor Siegfried Ellwanger imposta a ele pelo Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul por crime de racismo. O julgamento do Habeas Corpus (HC 82424) ajuizado pela defesa de Ellwanger foi concluído hoje (17/9).

Por maioria de sete a três, o Plenário negou o recurso, vencidos os ministros Moreira Alves, Marco Aurélio e Carlos Ayres Britto. Os dois primeiros consideraram o crime prescrito.

Ayres Britto concedia o recurso de ofício para absolver o livreiro por falta de provas.

A discussão foi retomada com o voto-vista do ministro Marco Aurélio. Ele concedeu o Habeas Corpus ao julgar que o editor gaúcho não cometeu crime de racismo. Considerou, também, que sua punição estaria prescrita acompanhando, nesse ponto, o voto do relator, ministro Moreira Alves.

Em quase 72 laudas e meia, o ministro Marco Aurélio defendeu o direito à liberdade de expressão, definindo o julgamento como um dos mais importantes do STF, desde que chegou ao Tribunal, há 13 anos. Marco Aurélio **justificou ponto de vista de proteção à manifestação individual** de pensamento, **por entender que o livreiro quis fazer uma revisão histórica.**

De acordo com o ministro, a Constituição Federal não se referiu ao povo judeu, mas ao preconceito contra os negros, ao tratar da prática do crime de racismo, que considera imprescritível, no inciso XLII, artigo 5º. **Isto porque, segundo Marco Aurélio, a Constituição de 1988 se aplica ao povo brasileiro.**

O ministro também considerou que a não prescrição de crimes iria contra a garantia constitucional dos direitos fundamentais. "O instituto da imprescritibilidade de crime conflita com a corrente das garantias fundamentais do cidadão, pois o torna refém, eternamente, de atos ou manifestações - como se não fosse possível e desejável a evolução, a mudança de opiniões e de atitudes, alijando-se a esperança, essa força motriz da humanidade -, gerando um ambiente de total insegurança jurídica, porquanto permite ao Estado condená-lo décadas e décadas após a prática do ato", apontou.

Marco Aurélio rememorou voto do colega Carlos Ayres Britto; historiou sobre censura e liberdade de expressão; falou sobre tolerância; distinguiu entre preconceito e discriminação e **defendeu o ponto de vista de que o livreiro quis fazer uma revisão histórica.** Sua defesa da liberdade individual de manifestação do pensamento foi reiterada em todo o voto.

"Há de se proclamar a autonomia do pensamento individual como uma forma de proteção à tirania imposta pela necessidade de adotar-se sempre o pensamento politicamente correto. As pessoas simplesmente não são obrigadas a pensar da mesma maneira", defendeu ele.

"Por exemplo, estaria configurado o crime de racismo se o paciente, em vez de publicar um livro no qual expostas suas idéias acerca da relação entre os judeus e os alemães na Segunda Guerra Mundial, como na espécie, distribuisse panfletos nas ruas de Porto Alegre com dizeres do tipo "morte aos judeus", "vamos expulsar estes judeus do País", "peguem as armas e vamos exterminá-los". Mas nada disso aconteceu no caso em julgamento. O paciente restringiu-se a escrever e a difundir a versão da história vista com os próprios olhos", disse adiante.

"A questão de fundo neste habeas corpus diz respeito à possibilidade de publicação de livro cujo conteúdo revele idéias preconceituosas e anti-semitas. Em outras palavras, a pergunta a ser feita é a seguinte: o paciente, por meio do livro, instigou ou incitou a prática do racismo? Existem dados concretos que demonstrem, com segurança, esse alcance? A resposta, para mim, é desenganadamente negativa", justificou.

Em seguida, os ministros Celso de Mello, Carlos Velloso e Gilmar Mendes, Nelson Jobim e Ayres Britto ratificaram votos já proferidos sobre a matéria e, à exceção de Britto, indeferiram o pedido feito pela defesa do livreiro.

Último a concluir voto, já no início da noite, o ministro Sepúlveda Pertence acompanhou a corrente majoritária que negou o Habeas Corpus, **"A discussão me convenceu de que o livro pode ser instrumento da prática de racismo. Eu não posso entender isso como tentativa subjetivamente séria de revisão histórica de coisa nenhuma"**, votou ele.

<http://www.angelfire.com/journal2/midiajudaica/especiais/castan-final1.htm>

English links relating to Siegfried Ellwanger Castan's prosecution in Brazil.

The website of Ellwanger's book publishing house: <http://www.econac.net/Revisao.htm>

In September 2003, the Supreme Court upheld a 1996 Rio Grande do Sul state court conviction of editor Siegfried Ellwanger for racism. Ellwanger edited and wrote anti-Semitic books. The lower court's ruling sentenced Ellwanger to a prison term of two years, although this sentence was converted to community service.

Source <http://www.state.gov/g/drl/rls/irf/2004/35528.htm>

Siegfried Ellwanger Castan, one of the pioneers of **Holocaust Revisionism** in Brazil, was attacked and forced out of the 46th International Book Fair in Porto Alegre. Mr. Ellwanger was an exhibitor at the event, promoting revisionist titles released by a Brazilian publishing house.

Mr. Ellwanger was working at his booth when a group of rowdy Antifas launched a verbal assault that escalated from words to spitting, to pushing, to actual beatings. The local Police, instead of offering protection to the victim, forced the revisionists out of the Fair.

Source <http://www.zundelsite.org/english/zgrams/zg2000/zg0012/001224.html>

Literature denying the Holocaust continues to be published in Brazil, almost always privately. These publications are mainly funded by Siegfried Ellwanger, who is known as Castan, a wealthy industrialist living in the state of Rio Grande do Sul. In his home state, Ellwanger is generally considered persona non grata. His publishing house, Editora Revisão (Revision Press), has distributed an unknown quantity of its books free of charge to politicians throughout Brazil. Ellwanger claims that his *Holocaust: Jewish or German?* has reached its thirtieth edition and has sold 200,000 copies, but it remains unclear whether these suggestions are true. His *A Implosão da Mentira do Século* (The Collapse of the Lie of the Century), published in 1993, claims that the Holocaust is a "Zionist lie". Editora Revisão has also republished a number of antisemitic works by other authors, including Henry Ford's *The International Jew* and a Portuguese translation of *The Protocols of the Elders of Zion*. Editora Revisão's books are not available in any of the major bookshops in Brazil, but they can occasionally be found in independent and second-hand bookshops.

Holocaust-denial literature, in spite of its small circulation, often receives disproportionate publicity. Attempts to repress the distribution of such literature in accordance with Brazil's anti-racism laws have not been actively supported by politicians and have failed under Brazil's freedom of speech and press guarantees. When Editora Revisão was removed as a member of a publishers' consortium in Rio Grande do Sul in 1995, a local judge reinstated it.

Source <http://www.axt.org.uk/antisem/archive/archive1/brazil/brazil.htm>

Brazil was also the first Latin American country to successfully prosecute an author for "inciting racism". In a court hearing on 6 April, Siegfried Ellwanger received a conditional term of two years, which he was allowed to serve as community service. Ellwanger was prosecuted for selling anti-Semitic books and materials. Jair Krischke, president of the Justice and Human Rights Movement in the Southern state of Rio Grande do Sul, said they had been fighting Ellwanger since 1989. He also hoped that two separate ongoing court cases over Ellwanger's books would eventually put him behind bars.

Source <http://www.freemedia.at/wpfr/Americas/brazil.htm>

ARROGANTE

Vincent Reynouard Detido, Assediado e Ameaçado Com Encarceramento

Robert Faurisson

Ontem, segunda-feira, 19 de Setembro de 2005, às 9h30m, três polícias belgas vestidos à civil foram à casa de Vincent Reynouard, em Bruxelas. Removeram os selos que tinham sido colocados na porta do seu estúdio uma semana antes e procederam à remoção de todo o seu

estoque de publicações, destinadas a distribuição, colocando-as em 13 ou 14 caixotes. Em seguida levaram Vincent Reynouard para outro local no qual, educadamente, o interrogaram. Tiraram-lhe as impressões digitais. Após três horas de espera numa cela do tribunal, na qual foram removidos os seus atacadores e o cinto e na qual, na companhia de um árabe incansável, podia ouvir ruídos, gritos e berros incessantes, foi algemado e escoltado ao escritório de uma magistrada. Essa pessoa, com cerca de quarenta anos, dá pelo nome de Anne Gruwez. Arrogante ("Sou eu que mando aqui"), não se deu ao trabalho de ocultar a sua hostilidade e assediou continuamente o acusado ("Fale mais alto", "Fale mais baixo", "Sente-se direito"..), a senhora mantém um quadro de Dreyfus em frente dos seus juízos na parede do seu escritório. Com ódio nos olhos, interrogou Vincent Reynouard extensamente, depois informou-o de que o iria colocar em liberdade condicional sob cinco condições. Consistem estas de que 1) cesse toda a sua actividade revisionista; 2) se abstenha de dar quaisquer conferências; 3) se submeta a um exame psiquiátrico; 4) faça tudo ao seu alcance para encontrar um emprego; 5) que apareça sempre que o chamarem daqui em diante.

Às 18h45m, Vincent Reynouard recuperou os seus atacadores, o seu cinto e a sua fortuna, num total de 2,46 euros.

No seguimento da primeira intrusão policial há uma semana, a Sra. Reynouard, grávida da sua sexta criança, teve alguns problemas de saúde. (...) Perturbada com esta segunda intrusão policial e preocupada com a ideia de que o seu marido possa ir para a prisão e que se depare sozinha com as crianças, teve problemas de saúde semelhantes.

Todos aqueles que conhecem Vincent Reynouard sabem quão cordial ele é. A própria polícia não escondeu o facto de estarem cientes da sua cordialidade. A magistrada certamente que não a desconheceria. É portanto ainda mais agravante e imperdoável o modo como se comportou com ele.

20 de Setembro, 2005
<http://www.dirlip.org/>

CHARLATÃO

Quem é Simon Wiesenthal ?

A continuación exponemos la primera muestra de lamento por la muerte de Simon Wisenthal.

Dr Guzman:

Lamento la muerte de Simon Wisenthal. Mejor dicho lamento su muerte por prematura y por razones distintas y opuestas a las de aquellos que hoy lloran por la persona denominada como la "Consciencia del Holocausto ". Solo me apena su prematura muerte por causa de que ya no podrá ser ajusticiado como merecía. Examinemos a continuación cierta información que surge de un artículo, en el idioma inglés, de Mark Weber sobre el Sr. Wiesenthal (ver enlace al final).

Teniente partisano, subversivo y mentiroso

El *New York Times* recién se refirió al Sr. Wisenthal como el "Angel Vengador del Holocausto". "Vengador" talvez, angel, jamás en la vida. Este señor, era todo un mentiroso, manipulador y timador.

Szymon Wiesentahl, nació en Buczacz, un pueblo en la provincia de Galica, en Ucrania, el 31 de diciembre de 1908. En mayo de 1948, bajo juramento y durante un interrogatorio en Nuremberg, dijo, dijo que "entre 1939 y 1941" fue un " Jefe de Ingeniero Soviético tranajando en Lvov y Odessa." Por otra parte, en su autobiografía expresó haber trabajado durante el mismo período como "mecánico en un fábrica productora de resortes para camas ". El propio Sr. Wisenthal admitió haber sido relativamente bien mientras se desempeñaba como "técnico y delineante" mientras estaba internado en el koncentration leger de Janowska luego de junio de 1941, y hasta que le era permitido poseer no una sino dos pistolas. Ello, mientras vivía en su propia " casucha de madera" y disfrutaba de "relativa libertad" y le era permitido "caminar por todo el patio". Contrario a la percepción generalizada, Herr Wiesenthal no era un mero e indefenso judío internado en un campo de concentración sino un partisano, desde octubre de

1943 hasta junio de 1944, y parte de un grupo (con el rango de teniente) subversivo que operaba en Tarnopol-Kamenopodolsk, luchando contra la unidad Galicia de las SS y las fuerzas ucranianas.

Segun su propio testimonio, fue alegadamente capturado por el 13 de junio de 1944 por Policía Secreta de Campo Alemana ("Geheime Feldpolizei"), quienes supuestamente ejecutaban de inmediato a todo partisano, y sin explicación alguna fue "perdonado" para luego lograr "escapar" milagrosamente. Lo anterior se desprende de la información y documentos provistos por él mismo a sus interrogadores estadounidenses en Nuremberg. De forma acomodaticia, y en aras de permear su imagen "angelical" y de "víctima inocente", en su autobiografía de 1967 omite toda referencia a sus actividades partisanas y subversivas, así como la supuesta captura por la Geheime Feldpolizei. Conforme a tanto su declaración jurada de 1948 y autobiografía de 1967, intentó suicidarse el 15 de junio de 1944, cortándose las venas, pero fue salvado de la muerte por médicos de las SS, recuperándose en uno de dichas fuerzas. Posteriormente, fue enviado al campo de Lvov, en donde le servían "dobles raciones". Resulta inverosímil que los soldados alemanes de las alegadamente infames, inclementes y despiadadas SS le hayan salvado la vida a un judío, sin aparentes consideraciones o méritos especiales.

El Sr. Wisenthal alegadamente fue transferido posteriormente a Mauthausen, en Austria, donde permaneció hasta que llegaron los soldados estadounidenses el 5 de mayo de 1945. Cabe preguntarnos el porqué el Sr. Wisenthal fue tratado de manera tan particular.

Como muestra de su particular imaginación, en 1973 publicó el libro *Sail of Hope* ("Velas de Esperanza") en el cual argumentó que Cristóbal Colón era un secretamente un judío y que su famoso viaje del descubrimiento de 1492 era en realidad una búsqueda para una nueva tierra para los judíos de Europa.

Agente de la Geheime Staats Polizei

El Canciller austríaco Bruno Kreisky, un judío y líder del Partido Socialista en su país, acusó al Sr. Wisenthal, durante una entrevista realizada por corresponsales extranjeros, de utilizar "métodos mafiosos" rechazando su pretensión de "autoridad moral" y sugiriendo que era un agente de los alemanes; "Realmente sólo conozco al Sr. Wisenthal por informes secretos, y son malos, muy malos. Digo esto como Canciller Federal [...] y digo que el Sr. Wisenthal tuvo una relación distinta con la Gestapo de la mía. Sí, esto puede ser probado. No puedo decir más [ahora]. Todo lo demás, lo diré ante el tribunal. Mi relación con la Gestapo era inequívoca. Yo era su prisionero y fui interrogado. La suya era una distinta [...] desde mi perspectiva, era un agente, sí, es correcto, uno que utiliza métodos de mafia [...] no es un caballero, diré, para que quede claro, porque no lo es, ...no debe pretender ser una autoridad moral. Digo que el Sr. Wisenthal vivió durante dicho período en la esferas de influencia Nazi sin ser perseguido, verdad?" Evidentemente, lo anterior explica el porqué el Sr. Wisenthal fue tratado de forma tan especial por la Gestapo.

Plagio de fotos de la revista *Life*

En 1946 publicó su libro *KZ Mauthausen* donde aparece un dibujo suyo ilustrado la supuesta muerte brutal de tres judíos a manos de soldados alemanes. Una foto con una escena casi idéntica había sido publicada un año antes por la revista *Life* con la peculiaridad que los tres muertos eran espías alemanes capturados y ejecutados por los británicos.

Manipulación sobre el números de víctimas de Mauthausen

Durante una entrevista en 1983 dijo haber un de treinta y cuatro sobrevivientes de un total de 150,000 prisioneros en Mauthausen, lo cual contrasta con la cifra de "212,000" sobrevivientes ofrecida por la *Enciclopedia Judaica*.

Propagador del mito del "Jabón Humano" y Electrocutamiento en Duchas

Según la fábula, la siglas "RIF" en los jabones alemanes obedían a la frase "Rein Judisches Fett" (Grasa Judía Pura) y, consecuentemente, eran procesadas, supuestamente, de los cadáveres de los judíos asesinados. En realidad las siglas significan "Reichstelle für Industrielle Fettversorgung" (Centro Nacional para el Suministro de Grasa Industrial). El Sr. Wisenthal promovió dicha teoría en un artículo publicado en 1946 en el periódico austríaco *Der Neue Weg* ("El Nuevo Sendero"), alegando falsa y viciosamente que "900,000 mil judíos fueron utilizados como materia prima" en la fábrica de Galicia. El mismo año, en su artículo "La Fábrica de Jabón de Belzec", esbozó la fantasiosa y nunca confirmada teoría, y sin evidencia alguna, de que "masas de judíos" murieron en duchas especiales diseñadas para electrocutar 500 de estos simultáneamente.

La teoría del "jabón humano" ha sido desmentida por los historiadores contemporáneos y la segunda carece de apoyo forense alguno.

Por otra parte, es menester mencionar que en 1975, y de nuevo en 1993, en luz de la carencia de prueba al respecto, admitió públicamente que no hubo campo de exterminio alguno en suelo alemán, desacreditando los argumentos del ministerio público utilizados en los tribunales de Nuremberg, así como otras cortes, de que Buchenwald, Dachau y otros lagers alemanes era campor de exterminio.

Fabricación de Pruebas en el Caso de Eichmann

Uno de sus logros mayores, supuestamente, es la captura de Adolf Eichmann, Jefe de la Departamento de Asuntos Judíos de la SS, quien fuera secuestrado por agentes de la Mossad y ejecutado en Israel en 1960. No obstante, Isser Harel, jefe de la Mossad y del Shin Bet (agencia de seguridad doméstica) que dirigió al equipo que capturó a Eichmann, declaró inequívocamente que Wiesenthal " nada tuvo que ver" con ello. Peor aún, conforme a Harel, los relatos de Wiesenthal sobre su participación en la captura de Eichmann son una "fabricación total" y específicamente expresó que " los informes y declaraciones de Wiesenthal sobre el período prueban sin duda alguna que no tenía noción alguna sobre el paradero de Eichmann" pues justo antes de su captura alegó que estaba en el Japón o Arabia Saudita. Añadió; " toda la información suministrada por Wiesenthal antes in en anticipación de la operación [Eichmann] era totalmente inservibles, y a veces conducía a error y de valor negativo."

El Caso Walus

A través de una misiva de 10 diciembre de 1974, Wiesenthal acusó falsamente a Frank Walus, de haber sido "entregado judíos a la Gestapo" in Czestochowa y Kielce, durante la guerra, en Polonia. Como resultado el Washington Post publicó un artículo en 1981 intitulado " El Nazi quien nunca lo fue; Como una cacería de brujas por un juez, la prensa e investigadores tildaron a un hombre inocente de criminal de guerra". Según el artículo, respaldado por la American Bar Association, el Sr. Walus tuvo que recaudar más de "\$60,000" para su defensa. Tuvo que ser sometido al vejamen de escuchar, durante años, las declaraciones de " once sobrevivientes judíos" quienes declararon que vieron al acusado asesinar a "niños, una anciana, una mujer joven, a un jorobado y otros". Sin embargo, la evidencia abrumadora demostró que no solo no era un criminal de guerra nazi sino que el hombre a quien Wiesenthal acusó de ser " un polaco en Chicago que realizaba tareas para la Gestapo en los ghettos de Czestochowa y Kielce y entrego un número de judíos" a la Gestapo, "ni siquiera estaba en Polonia durante la guerra".

El semanario *Reader*, de Chicago, publicó un artículo, también en 1981, intitulado; "La persecución de Frank Walus: Para atrapar a un Nazi: El gobierno de E.E.U.U. quería un criminal de guerra. Así que, con la ayuda de Simon Wiesenthal, la policía israelí, la prensa local y el Juez Julius Hoffman [judío], inventaron uno ." El artículo lee; "Es lógico suponer los informes recibidos por Wiesenthal [contra Walus] eran en realidad rumores...en otras palabras, Simon Wiesenthal no tenía evidencia contra Walus. De todos modos lo denunció ." El artículo menciona, curiosamente, que la tramitación del caso coincidió con el estreno de la serie televisa "Holocausto", y que el Sr. Wisenthal declaró a un rotativo de la ciudad de Chicago que nunca había tenido " un caso de identificación errónea" y que "sé que hay miles de personas que esperan por mi equivocación". El Sr. Walus pudo demostrar que, lejos de ser el "Carnicero de Kielce " como se le llamó injustamente, fue un simple trabajador en una granja en Alemania, pero no sin antes haber sido difamado por Wiesenthal y atacado, hasta físicamente inclusive, por fáticos con sed de venganza.

Mentiras sobre Mengele

Conforme a un informe de Wiesenthal, Mengele alegadamente había coordinado para el asesinato de en 1960 de una de sus víctimas anteriores, una mujer a quién había esterilizado en Auschwitz. Luego de devisaarla, así como a su peculiar tatuaje del campo, en un hotel en Argentina donde se hospedaba, Mengele supuestamente hizo arreglos para que la mataran. Posteriormente resultó que la mujer nunca había estaba en campo de concentración alguno, que no tenía tatuaje, que nunca se había encontrado con Mengele, y su muerte fue un simple accidente en las montañas.

Benjamin Varon, el embajador de Israel en Paraguay desde 1968 a 1972, comentó en 1983 sobre la campaña de Mengele: "Wiesenthal hace declaraciones periódicas de que está a punto de apresarlos, talves debido a que Wiesenthal necesita levantar fondos para sus actividades y el nombre de Mengele siempre es buen enganche ." Con relación al caso Mengele, el otrora jefe de la Mossad Harel comentó; "la locura de Wiesenthal raya en lo criminal."

Incompetente, payaso, fanfarrón y arrogante

Eli Rosenbaum, funcionario de la Oficina de Investigaciones Especiales, "cazadora de nazis", e igualmente investigador del Congreso Judío Mundial, en su libro de 1993, *Betrayal* ("Traición") indicó que Wiesenthal " ubicó a Mengele en casi todos los países de Latinoamérica excepto en el cual se encontraba - específicamente Brasil." Rosembaum describió a Wiesenthal como un investigador "patéticamente inefectivo " el cual "ha ido más allá de la payasaría y fanfarronería de falsedades de años previos" y expresó que en gran parte de su ilustre carrera se caracterizó por su "incompetencia y arrogancia ". Bruno Kreisky resumió sus percepción de Wiesenthal de la siguiente manera; "El ingeniero Wiesenthal, o cualquiera que sea su título, me odia debido a sabe que desprecio su actividad. El grupo de Wiesenthal es una Mafia quasispolítica que trabaja en contra de [los intereses] de Austria con disgraciados métodos. Wiesenthal es conocido como alguien quien no tiene mucho aprecio por la verdad, quien no es muy selectivo sobre sus métodos y quien utiliza tretas. Pretende ser el "Cazador de Eichmann" a pesar de que todos saben que esto era un trabajo de un servicio secreto, y que Wiesenthal sólo tomo el crédito por ello ." Kreisky describió a Wiesenthal como a un hombre "guiado por el odio".

Mercader del Holocausto

El Centro Wisenthal de Los Angeles, California, **le pagaba \$75,000.00 anualmente al Sr. Wiesenthal por el derecho a utilizar su nombre**, según informara en 1988 el director del centro del Holocausto Yad Vashem, en Israel. Wiesenthal había concebido originalmente la cifra de " 11 millones que fueron asesinados en el Holocausto -- seis millones de judíos y cinco millones de no-judíos", dijo un funcionario del centroYad Washem, pero que luego descartó dicha cifra. Cuando se le preguntó a Wiesenthal la razón para ello, expresó que; "[l]os gentiles no prestarán atención si no mencionamos sus víctimas también", escogiendo la cifra de "cinco millones de gentiles" por causa de que el quería "una cifra diplomática, uno que estableciera que un número significativo de víctimas gentiles murió pero de que ninguna manera fuera mayor que el número de judíos ".

El semanario estadounidense judío de mayor circulación, *La Prensa Judía* (The Jewish Press), acusón a Wiesenthal y a su Centro de Los Angeles de "trivializar el holocausto".

Dr. L.G.

NOTA: El mensaje anterior consiste de la opinión de su autor, teniendo como base un artículo publicado en idioma inglés por Mark Weber, intitulado "Simon Wiesenthal: Fraudulent 'Nazi Hunter'", del cual se cita y sintetiza una parte sustancial del mismo, traducido al castellano. Enlace;

<http://www.ihr.org/leaflets/wiesenthal.shtml>

No dia 08/02/96, no programa TV ARD alemã, para surpresa dos próprios neo-índios alemães, esse caçador foi execrado por Ela Steinberg (Membro do Congresso Judaico), Neal Sher (Chefe do Dep. de Perseguições a Nazistas do Ministério da Justiça do EUA), Benjamim Weiser Veron (diplomata israelense no Paraguai), Rafi Eitam (Comandante da operação Eichmann) e finalmente por Isser Harel (antigo chefe do Mossad) que referindo-se a Wisenthal disse: "Ele causou enormes danos através de suas falsas manifestações. Criou **lendas**. Em todos os grandes casos ele falhou. Sua importância é mínima. Espalhou **falsas informações**. Uma **trágica figura**".

OUTRO CHARLATÃO

Mensagem da Direcção

Em memória de Moses Bensabat Amzalak ז"ל

Moses B. Amzalak faleceu a 6 de Junho de 1978. Por ocasião do 25º aniversário do seu desaparecimento não queremos deixar de prestar a nossa homenagem a um homem que consagrou toda a sua vida à Comunidade Israelita de Lisboa. Este número do *Tikvá* é dedicado à sua memória aqui evocada por Samuel Levy.

A sua vinda confunde-se com a da Comunidade: seguindo o exemplo do seu pai, Leão Amzalak, que foi Presidente da Comissão de Edificação da Sinagoga Shaarei-Tikvá, o jovem Moses entrou para a primeira direcção da CIL, com apenas 20 anos, nela permanecendo como seu presidente desde 1927 até à sua morte.

Mas Moses Amzalak foi também um eminente académico, professor, escritor e investigador. Esta posição de relevo na sociedade portuguesa e internacional, Moisés Amzalak soube colocá-la no momento exacto ao serviço do povo judeu: durante a 2ª Grande Guerra deu um contributo importante para a política portuguesa de abertura das fronteiras aos refugiados e para a instalação, em território nacional, das organizações judaicas americanas de assistência. Contribuiu assim para o salvamento de milhares de judeus. Nunca é demais lembrá-lo.

Profundamente religioso, Moses Amzalak, tinha a noção da precaridade da existência humana, das suas honras e glórias. Face à morte optou por ser o mais igual de todos os iguais, sendo enterrado a seu pedido e, a exemplo dos seus familiares, no canto dos suicidas. Talvez como forma de afirmação que um cemitério judaico deve ser verdadeiramente um "Campo de Igualdade".

A vida de Moses Amzalak é um exemplo de dedicação à causa do judaísmo e da Comunidade. Saibamos não apenas lembrá-lo, mas também seguir o seu exemplo.

Esther Mucznik

Vice-Presidente, comunidade israelita de Lisboa

http://www.cilisboa.org/sections/tikva_04/bu_4_35_dir.htm

Escândalo salazarento no Le Point...

Moses Bensabat Amzalak judeu e colaborador bem pago dos nazis

Rui Araujo (à Lisbonne)

La communauté juive du Portugal est sous le choc. Celui qui fut son président pendant cinquante-deux ans, Moses Bensabat Amzalak (mort en 1978), aurait été un relais de la propagande nazie pour le compte du IIIe Reich. Dans un livre à paraître début octobre, l'historien Antonio Louça défend cette thèse. Archives à l'appui, il raconte comment Amzalak - personnage influent, ami et conseiller informel de Salazar et copropriétaire du grand journal *O Seculo* - a utilisé ce support dès l'ascension de Hitler. Entre autres, en 1935, en faisant paraître à la une une photo du dictateur célébrant « la marche des sections d'assaut SA ». Le responsable local du Congrès juif mondial l'avait accusé à l'époque de recevoir de l'argent de la légation allemande pour promouvoir l'image du régime hitlérien. Mais, faute de preuves, l'affaire en était restée là. Détail embarrassant : comme directeur de l'Alliance française à Lisbonne, Amzalak était aussi l'ambassadeur de la culture française au Portugal. Et, parmi les dix universités étrangères qui lui donnèrent le titre de docteur *honoris causa*, huit étaient françaises..."

Posted by: [JMCS](#) at September 10, 2005 00:52 | [link](#) | [comments](#) |

PESQUISA

53% dos israelenses querem o Terceiro Templo

Jerusalem Post - Cerca de metade dos judeus israelenses gostaria de ver a construção do Terceiro Templo, de acordo com uma pesquisa realizada pelo movimento reformista, Centro de Ação Religiosa de Israel. A pesquisa foi especialmente preparada para Tisha Be'av, que cai no dia de hoje no calendário comum. O jejum, que marca a destruição dos primeiro e segundo templos, termina hoje às 20h16 (hora de Israel). De acordo com a pesquisa, conduzida pelo

Instituto Dahaf, um total de 53% das 775 pessoas que responderam a pesquisa, disseram que gostariam de ver o Terceiro Templo ser edificado no Monte do Templo. Ao mesmo tempo, 55% dos interrogados disseram que a lei em voga sobre a presença de judeus no Monte do Templo, por questões de segurança, deve ser mantida. E em relação ao dia de jejum em si, 64% disseram não observar Tisha Be'Av de modo algum, enquanto 29% diz jejuar. Entretanto, 72% são a favor do fechamento de locais de diversão e restaurantes no dia de luto e orações. Ferreira

GERMAR RUDOLF

Germar Rudolf Detido

J.A. Spínola

No passado dia 18 de Outubro, 2005, Germar Rudolf, revisionista alemão exilado nos EUA, compareceu com a esposa para uma entrevista no gabinete do SEF para confirmar a legitimidade do seu casamento, um procedimento habitual e anual para confirmar que residem na realidade como esposo e esposa.

A entrevista decorreu normalmente e passaram sem qualquer comentário.

Contudo, quando se preparavam para sair surgiram dois indivíduos do departamento das deportações e escoltaram o casal para um piso superior, informaram então Germar de que este tinha faltado a uma intimação para se apresentar em tribunal e que se encontrava detido.

Tanto Germar como o seu advogado fizeram notar que não tinham recebido qualquer intimação (de acordo com a lei dos EUA é obrigatório enviar uma cópia de qualquer intimação não só à pessoa que é convocada mas também ao seu advogado). Exigiram uma cópia da intimação, a qual não lhes foi mostrada nem explicada a sua natureza.

Informaram também os agentes do SEF que se encontram à espera duma decisão do Tribunal Federal e que, legalmente, nenhuma decisão do SEF pode passar por cima da decisão do Tribunal Federal, estimada para Janeiro, 2006.

Os agentes informaram que iriam estudar o caso, voltaram duas horas mais tarde e levaram Germar Rudolf.

O advogado de Germar Rudolf, a sua esposa e Arthur Butz encontram-se a trabalhar na papelada do processo a decorrer no Tribunal Federal uma vez que o SEF relatou que o libertaria se lhe fossem apresentados os documentos relativos ao mesmo.

Rudolf pode ser mantido em detenção, na melhor das hipóteses, até ser divulgada a decisão do Tribunal Federal. Podem tentar também deportá-lo para a Alemanha, apesar de uma atitude destas ser considerada ilegal, mas pensando bem, só a detenção de Rudolf foi, já em si, um acto ilegal, por isso nunca se sabe.

Aguardamos notícias do desenrolar do caso.

Segundo parece, iniciou-se agora a época de caça ao revisionista, com a deportação de Ernst Zündel para a Alemanha, a prisão de Siegfried Verbeke na Bélgica e os assédios a Vincent Reynouard, também na Bélgica, nota-se o nervosismo do sistema em rebater os académicos revisionistas, na falta de argumentos recorre-se à prisão e deportação dos dissidentes.

Germar Rudolf é o editor da revista revisionista *The Revisionist*, autor de vários livros sobre a impossibilidade do Holocausto com base no trabalho de campo efectuado pelo mesmo, a pedido do Major General Otto Ernst Remer, nas câmaras de gás de Auschwitz, Germar Rudolf é um químico licenciado cujo título lhe foi negado na Alemanha devido às suas incomodativas descobertas.

<http://vho.org>

A Situação de Germar Rudolf Arthur R. Butz

Amigos:

Aqui encontram um resumo da situação de Germar Rudolf, com base nas minhas conversas telefónicas com ele a partir da cadeia. Isto é, de acordo com a minha capacidade em transcrever correctamente a sua versão, não a minha. O mesmo deseja que seja amplamente divulgada como e-mail e em páginas na internet.

No dia 19 de Outubro, Germar e a sua esposa tiveram uma entrevista matrimonial nos escritórios dos Serviços de Imigração e Naturalização (versão estadunidense do SEF – nota do tradutor) de Chicago. A entrevista correu bem tendo o SIN constatado que o seu casamento era real. Quando iam sair do edifício surgiram dois agentes do SIN e afirmaram que tinha sido enviada a Germar uma carta a instruí-lo para ir aos escritórios em Chicago para ser fotografado e para que lhe tirassem as impressões digitais, e que o mesmo não tinha cumprido estas instruções. Nem Germar nem o seu advogado receberam tal carta, e até agora não lhes foi mostrada qualquer duplicado da mesma. Não ter cumprido as instruções não era, em si, razão para originar uma acção tão drástica; na realidade o SIN já o tinha fotografado e já lhe tinha tirado as impressões digitais há muito tempo nos escritórios do FBI em Huntsville. O que causou a situação foi o pedido recente, por parte do governo alemão, e pela segunda vez, de extradição e de que alguns funcionários do SIN, convencidos de que o caso envolvia um processo crime verdadeiro, terem dado relevo ao seu processo. Comentei que esta é uma interpretação bondosa. De qualquer modo, Germar foi detido e enviado para uma cadeia a 50 milhas de Chicago.

Uma lei datada de 1960 especifica que o casamento com um cidadão dos EUA é uma base válida para um reajustamento do estatuto de alguém envolvido num processo de deportação, mesmo que o casamento ocorra durante o processo. Contudo, desde 1999 que o governo tem tentado agir como se esta lei não existisse e tem tido sucesso considerável, obtendo decisões favoráveis num circuito federal e decisões adversas noutros três (um “circuito” é uma subdivisão geográfica dos EUA, definida com a finalidade da administração da lei federal). O 11º circuito de Atlanta, detentor do processo de Germar, ainda não emitiu qualquer decisão sobre este processo legal. Normalmente uma situação deste tipo dá origem a um apelo ao Supremo Tribunal, que existe para sanar decisões contraditórias por parte das tribunais de instância inferior. Contudo os sujeitos a processos de deportação têm sido, até agora, pessoas pobres que não conseguiram fazer valer o seu caso no Supremo Tribunal. É por essa razão que o governo não tem sido desafiado desde 1999. O governo sabe que iria perder um processo no Supremo Tribunal.

O tribunal do 11º circuito quer manter conhecimento deste processo até à sua conclusão, mas as camadas mais altas do ramo executivo de Washington, o Departamento da Segurança Interna e o Departamento da Justiça, interferiram e agora tomaram conta do processo, removendo-o das mãos do SIN. Como passou o processo das mãos de um funcionário anónimo do SIN para as mãos das camadas superiores do ramo executivo, desconhece-se. Tendo em vista os desenvolvimentos levados a cabo na semana passada o tribunal deram, segundo consta só verbalmente, aos SIN até 26 de Outubro para reunirem os argumentos sobre porque deve ser permitida a transferência do processo de Germar, presumivelmente para o deportar o mais rapidamente possível. Os advogados de Germar têm até a data limite de 2 de Novembro para reunirem os argumentos do seu processo. O tribunal irá emitir a sua decisão, provavelmente, em finais de Novembro.

A decisão de Novembro será sobre se o processo será mantido nas actuais mãos ou se o mesmo pode ser trasladado para o ramo executivo. Portanto parece que provável que Germar seja a parte vencedora em Novembro, uma vez que o tribunal exprimiu o seu interesse em acompanhar o processo até à conclusão do mesmo. Porque deveria este decidir que as suas próprias deliberações são irrelevantes e de pouca importância?

Partindo do princípio de que a decisão de Novembro seja favorável, ainda é provável que ocorra uma audiência por volta de Janeiro, que irá decidir duas questões. Primeira, terá Germar direito a asilo político? Segunda, se Germar não tiver direito a asilo político, terá direito a um reajustamento do seu estatuto com base no seu casamento?

Mencionei a questão da publicidade, da qual Germar é céptico mas que creio vir a ser necessária para angariar fundos eficazmente nos EUA. O mesmo não possui um nome muito conhecido por cá. Acima de tudo, Germar e os seus advogados não desejam qualquer denúncia furiosa do SIN e/ou do governo. Manifestações públicas às portas do SIN ou do tribunal podem ser fatais.

Actualmente foi encerrada a sua operação comercial e não é possível comprar livros a partir da sua página na internet. Contudo a mesma ainda se encontra em funções. Germar tratou para que algumas pessoas tomem conta das operações comerciais e de publicação caso seja deportado.

A prisão em que Germar se encontra não é desagradável, tendo em conta que é uma cadeia, e tem uma atmosfera que se assemelha à de um aquartelamento militar. É do nível de segurança mais baixo e existe TV e jogos para diversão dos detidos bem como livros estudo dos mesmos. A comida é decente.

22 de Outubro de 2005

Como Ajudar Germar Rudolf Arthur R. Butz

Amigos:

Recebi alguns pedidos de pessoas a inquirir como podem ajudar Germar Rudolf.

Com algumas excepções, tudo o que podem fazer é doar dinheiro para as despesas legais de Germar, e relacionadas, se for necessário.

Ainda não falei com ele especificamente sobre este assunto mas tenho a impressão que os seus recursos económicos conseguem cobrir as despesas no decorrer das audiências de Novembro em Atlanta.

Se o mesmo perder o processo em Novembro, então o assunto fica resolvido. Será sem qualquer dúvida deportado imediatamente. Qualquer contribuição monetária seria desnecessária.

Uma vitória em Novembro não significará mais que um prolongamento na data da decisão. Numa mensagem de e-mail enviada ontem expliquei as razões pela qual o seu processo pode acabar por ir ao Supremo Tribunal. Nesse caso as despesas legais serão correspondentemente suprimidas. Mesmo um processo de apelo num tribunal de instância inferior ao do Supremo Tribunal seria muito dispendiosa. Não se espera qualquer ajuda por parte das muitas organizações dos "direitos civis".

É óbvio que o governo se encontra muito bem preparado, financeiramente, para uma luta deste tipo mas também expliquei ontem que o mesmo possa escapular-se a um processo de apelo demorado.

A minha conclusão é de que o apoiante típico do revisionismo não pode fazer muito mais do que estar disposto a abrir a sua carteira no final do ano, se lhe for pedido.

Em Junho passado Germar levou a cabo uma campanha de angariação de fundos que obteve um sucesso muito agradável. Este sucesso ocorreu apesar do facto do mesmo não se encontrar na altura numa posição muito boa para angariar fundos nos EUA (a campanha destinou-se aos apoiantes revisionistas de outros países, nomeadamente da Europa – nota do tradutor). Se o mesmo vencer em Novembro, e o ambiente indica a necessidade de um boa quantia de dinheiro, então espero que este organize um esforço eficaz de angariação de fundos cujo alvo sejam os EUA.

Espero que o ajudem na altura. Não me estou a referir, naturalmente, às pessoas que efectuaram donativos no Verão passado nem àqueles que se encontram na linha da frente e que já sofreram bastante monetariamente.

É permitido o reenvio desta mensagem na sua integridade, e a divulgação da mesma em páginas na internet.

Os melhores cumprimentos,

23 de Outubro de 2005

O Agente Duplo

Germar Rudolf

Em Maio de 1993 decorriam grandes feitos no Instituto de Física em Estado Sólido Max-Planck em Estugarta. Um dos jovens candidatos à Licenciatura tinha-se envolvido num escândalo que estava a ser notícia em toda a Alemanha. O nome do candidato à Licenciatura era Germar Rudolf, o autor destas linhas. A minha actividade escandalosa consistia em ter preparado, a pedido da defesa legal do Major General Otto Ernst Remer, um relatório pericial sobre as ditas "câmaras de gás" de Auschwitz, no qual cheguei à conclusão de que era fisicamente impossível terem ocorrido gaseamentos em massa como os relatados por testemunhas oculares. Pouco depois da Páscoa de 1993, o Gen. Remer enviou milhares de cópias deste relatório a políticos, juristas, historiadores e químicos proeminentes e aos vários órgãos de comunicação social da Alemanha. Por consequência, cada lobbyista e grupo de pressão imaginável exigia que as minhas actividades como testemunha pericial fossem suprimidas por todos os meios possíveis. Nessa memorável Primavera recebi vários telefonemas de vários órgãos de comunicação social no meu local de trabalho no Instituto. A identidade dos vários telefonadores e o conteúdo das conversas não interessam para aqui, com uma excepção: quando

um cavalheiro do outro lado da linha se identificou como Jean-Claude Pressac. Pediu o meu contacto telefónico privado, o que educadamente declinei em dar.

Sugeri que comunicasse comigo por carta. A isto respondeu que, por razões de segurança, preferia não comunicar comigo por carta, porque seria perigoso para a sua pessoa fazê-lo. Depois avisou-me de que também eu me devia manter alerta. Principalmente no que dizia respeito ao 'Holocausto', aconselhou-me a evitar desafiar todos os aspectos do mesmo de uma só vez. Afirmou que quando se lida com o 'Holocausto' a única esperança de sucesso sem se arriscar o perigo pessoal era o de o atacar por partes, um aspecto de cada vez.

Desde essa conversa ao telefone, fiquei convencido de que Jean-Claude Pressac acreditava que nós, revisionistas, estávamos correctos por princípio. Em vista do enorme poderio dos exterminacionistas, contudo, cedo chegou à conclusão de que o 'sistema' tinha de ser combatido por dentro. A sua aparente deserção para as fileiras 'do inimigo' e serviço à causa do exterminacionismo era a sua versão da táctica do salame. O seu plano era utilizar o 'sistema' com o propósito de extrair uma concessão atrás da outra.

Se levarmos em conta, por ordem cronológica, as suas publicações torna-se óbvio que, com cada publicação, Pressac se aproximava cada vez mais de um ou de outro aspecto do revisionismo. O seu primeiro passo foi simplesmente tornar possível a discussão pública do assunto; o seu segundo passo, fazer com que o 'sistema' aceitasse a prioridade das provas científicas sobre os testemunhos oculares; o terceiro passo, forçá-lo a reconhecer as contradições inerentes nos referidos testemunhos. Em cada nova publicação reduziu, também, o número de vítimas, ao mesmo tempo que a sua avaliação dos relatos das testemunhas oculares se tornou cada vez mais crítico. Por fim, depois de atacar as próprias fundações do 'Mito de Auschwitz', virou-se para os outros ditos 'campos de exterminação'.

Depois da publicação do seu segundo livro em 1993, tornou-se gradualmente cada vez mais receoso, uma vez que as críticas subsequentes do livro lhe angariaram muitos inimigos. A sua conversa ao telefone comigo não foi o único local em que revelou os seus receios. Carlo Mattogno relata que o mesmo cortou todos os contactos que mantinha com ele na mesma altura. O Prof. Faurisson relata que o mesmo quase que sofreu um colapso durante o julgamento de Faurisson em 1995, pedindo ao juiz que o libertasse de responder às questões de Faurisson:

"Tem de compreender que só tenho uma vida. Tem de compreender que me encontro só nesta batalha."

Recusou-se a testemunhar porque viu claramente que se encontrava completamente isolado e que a sua vida corria perigo. A única explicação para isto é o facto de que uma explicação cândida perante o tribunal francês teria resultado em severas consequências uma vez que seria revisionista por natureza.

E portanto, mesmo apesar dos seus escritos serem cientificamente suspeitos, Pressac foi sem qualquer dúvida o mais bem politicamente sucedido revisionista até à data. Era, na realidade, o nosso agente duplo.

Muito obrigado, Jean-Claude!

<http://www.dirlip.org>

Germar Rudolf foi extraditado para a Alemanha dia 14 de Novembro.

Germar Rudolf Deportado. Prisão o espera na Alemanha

O antigo cientista do Instituto Max Planck de Berlim, Germar Rudolf, foi deportado dos Estados Unidos Hoje, após a Suprema Corte negar seu último pedido, sinalizando, assim, que os Estados Unidos não são mais um refúgio para os perseguidos do mundo. De todos os cientistas que vasculharam a saga de Auschwitz, Rudolf foi o mais meticuloso e desapaixonado. Sua deportação para cumprir pena em uma prisão da república de banana alemã-israelita é uma autêntica tragédia. Afirmar que induz ao ódio racial por duvidar do dogma das câmaras de gás homicidas é o mesmo que prender um cientista que viesse a questionar o dogma da virgindade de Maria, por "incitar o ódio" contra italianos, por exemplo. Realmente é de uma

estupidez atroz. Rudolf deixa mulher e uma filha nos Estados Unidos.

Ele tem outra família na Alemanha, de um primeiro casamento, que acabou quando sua esposa alemã o abandonou quando ele deixou claro seu ceticismo quanto às câmaras de gás. Ao perseguirem um homem como Germar Rudolf, que qualquer um gostaria de ter como vizinho, genro, professor ou jurado, o "Ocidente" de Bush e Blair, o "Ocidente" que somos conclamados a defender contra o Islã, mostra-se vergonhosamente menor do que um cândido clube de serviço sionista, sem um pinga de honra, justiça ou compaixão. Covardia tem sido o padrão do "Ocidente", que merece ser açoitado pelo Islã pelo fato de fazer este tipo de trabalho sujo contra um intelectual da estatura de Rudolf, um homem totalmente imparcial! Este homem heróico foi caçado e enjaulado a mando de fanáticos odientos. Que ironia perversa!

--Michael A. Hoffman II

Alemanha: neonazi que nega Holocausto vai ser julgado

Sobre Ernst Zuendel impendem também acusações de instigação ao ódio racial e de ofensas e difamação da memória de falecidos

O julgamento de Ernst Zuendel, acusado de instigação ao ódio racial e de negar o Holocausto, o genocídio de seis milhões de judeus pelos nazis durante a Segunda Guerra Mundial, começa terça-feira em Mannheim.

Sob o arguido impendem também as acusações de ofensas e difamação da memória de falecidos.

Para o julgamento de Ernst Zuendel em Mannheim estão previstas cinco audiências e a sentença deverá ser lida a 24 de Novembro.

Zuendel, 66 anos, emigrou para o Canadá em 1958, para fugir ao serviço militar mas foi extraditado em Março deste ano para a Alemanha e detido à chegada ao Aeroporto de Frankfurt.

Em vários sites na Internet, a partir do Canadá e posteriormente dos Estados Unidos e em outras publicações anti-semitas, o arguido negou ou minimizou sistematicamente a existência e as consequências do Holocausto, um delito previsto no Código Penal Alemão.

As investigações contra Zuendel na Alemanha começaram em 1996, mas a extradição teve de ser adiada, depois de ele ter requerido a nacionalidade canadiana, que só lhe foi negada em Maio de 2001.

Zuendel encerrou então a sua editora e foi para os Estados Unidos, onde casou com uma neonazi.

No entanto, acabou por ser detido em Pigeon Forge, em Fevereiro de 2003, por violação das leis de emigração, e extraditado para o Canadá.

Entretanto, o Ministério Público está a examinar a possibilidade de mover um processo-crime contra Sylvia Stolz, a advogada de defesa de Zuendel, por afirmações feitas nas alegações escritas que podem configurar também o crime de instigação ao ódio racial.

Stolz afirmou nas referidas alegações, por exemplo, que «não é possível condenar Ernst Zuendel por instigação ao ódio racial, ao abrigo do Parágrafo 130 do Código Penal, porque este código não é nenhuma norma de Direito, mas sim um regulamento de uma potência inimiga do Terceiro Reich» nazi.

As alegações são ainda pródigas em postulados anti-semitas e em teorias conspirativas, ou em afirmações bizarras como «O Terceiro Reich ainda existe, mas querem a sua destruição, através de um estratagema de ocupação pela República Federal da Alemanha, sem que os cidadãos se apercebam, e da instauração de uma escravatura de Talmude».

«A mentira propagandística contida no Parágrafo 130 do Código Penal é um dos maiores crimes de guerra da história da humanidade, e voltar-se-á com todo o ímpeto contra os seus autores», afirma-se ainda nas alegações da defesa.

Os argumentos utilizados são muito parecidos com os que têm sido utilizados pelo advogado neonazi Horst Mahler, em vários processos em que teve de responder também por instigação ao ódio racial.

Devido a esta e a outras teorias, Mahler, um ex-terrorista da Fração do Exército Vermelho (RAF) convertido às doutrinas neofascistas, foi proibido de exercer advocacia.

O Ministério Público de Mannheim suspeita agora que Mahler tenha violado a referida proibição e seja o verdadeiro autor das alegações em defesa de Ernst Zuendel, até porque a advogada nomeada para defender este arguido, Sylvia Stolz, é até agora uma desconhecida em

casos do género.

Segundo a televisão pública alemã (ARD), foi também Mahler, e não a advogada de Zuendel, que enviou as alegações da defesa a dirigentes neonazis a 21 de Outubro.

As suspeitas avolumaram-se depois de Mahler ter colocado no seu site na Internet as alegações escritas em defesa de Zuendel, sob o título «Alguns Trechos da Advogada Sylvia Stolz».

PortugalDiario 7 de Nov. 2005.

http://www.portugaldiario.iol.pt/noticia.php?id=606642&div_id=291

Alemanha: julgamento de neonazi com início atribulado

Ernst Zuendel é acusado de instigação ao ódio racial e de ofensas e difamação da memória de falecidos, nos seus escritos neonazis

O processo contra o neonazi alemão Ernst Zuendel, acusado de instigação ao ódio racial e de negar o genocídio nazi sobre seis milhões de judeus, começou hoje, em Mannheim, de forma atribulada.

Depois de uma acesa troca de palavras, o juiz-presidente, Ulrich Meinerzhagen, expulsou o advogado neonazi Horst Mahler da bancada da defesa.

O tribunal retirou ainda o mandato à advogada de defesa, Sylvia Stolz, que pouco antes tinha requerido que Mahler fosse seu assistente no processo.

Meinerzhagen justificou a decisão com o facto de a licença de Mahler ter sido cassada temporariamente pela Ordem dos Advogados, depois de uma condenação a oito meses de prisão, por delitos de propaganda neonazi.

O juiz começou por exigir a Mahler que abandonasse a bancada da defesa e ocupasse lugar no espaço reservado ao público.

O controverso advogado, que nos anos setenta cumpriu 10 anos de prisão por crimes praticados ao serviço da Fracção do Exército Vermelho (RAF), organização terrorista de extrema-esquerda, só obedeceu, no entanto, quando o magistrado mandou os ordenanças presentes na sala cumprir a ordem.

Juergen Rieger, o outro advogado de Zuendel, acusou por sua vez o tribunal de obstrução à actividade da defesa, e accionou um incidente de recusa do colectivo de juizes, obrigando à interrupção dos trabalhos durante uma semana.

Pouco antes, o juiz Meinerzhagen retirou o mandato a Sylvia Stolz, também advogada de Zuendel, que nas suas alegações escritas negou a existência do Holocausto, o genocídio de seis milhões de judeus pelos nazis, na II Guerra Mundial, "que está histórica e claramente provado", disse o magistrado.

Zuendel, 66 anos, é acusado de ter instigado ao ódio racial, e de ofensas e difamação da memória de falecidos, nos seus escritos neonazis, a partir de sites na Internet, ou de outras.

O arguido, de 66 anos, natural de Baden-Wuerttemberg, no sul da Alemanha, emigrou em 1958 para o Canadá, mas começou a ser procurado pela justiça alemã a partir de 1996, e acabaria por ser extraditado e detido em Março deste ano, em Frankfurt.

Pouco antes, as autoridades canadianas, ao abrigo de novas leis anti-terroristas, decidiram considerar Zuendel um perigo para a segurança nacional.

Poucos dias antes de começar o julgamento, neonazis da Hungria e da República Checa manifestaram-se junto às embaixadas da Alemanha nestes países vizinhos, exigindo a libertação de Zuendel, personalidade bem conhecida no meio.

PortugalDiario 8 de Nov. 2005.

http://www.portugaldiario.iol.pt/noticia.php?id=607172&div_id=291

JULGAMENTO-SHOW DE ZUNDEL INICIA HOJE

Como um personagem de Kafka, Ernest Zundel é o homem em perpétuo julgamento (desde 1983, quando seu direito de enviar correspondência foi cancelado no Canadá) por um sistema Euro-canadense-americano que é o braço de opressão da religião do judaísmo. Trata-se de um julgamento bláfemo, pelo "crime" de negar o "Shoa" (Holoconto) e que inicia hoje em Mannheim, Alemanha, uma nação controlada pelos sionistas. Hoje em dia na Europa e

no Canadá pode-se falar as piores coisas sobre Jesus. Sua Ressurreição, assim como a Virgindade de sua Mãe Maria podem ser negados, vilependiados e cientificamente postos em dúvida. Porém ceticismo, ou piadas a respeito das câmaras de gás homicidas de Auschwitz, é uma ofensa criminal. Não fica difícil verificar qual é hoje a religião realmente com credibilidade no Ocidente: é o judaísmo. Auschwitz substituiu o Calvário como evento central e ontológico na História Ocidental. E isso não teria sido possível sem a assistência e cooperação dos evangelistas protestantes televisivos e dos Papas romanos pós-Concílio Vaticano II.

A mídia sionista não poderá contar a verdade a respeito do julgamento-show de Zundel. A natureza medieval rabínica do julgamento ficaria evidente demais. Se mostrassem claramente as contradições: "Zundel é um racista que odeia o Povo Eleito e inventa mentiras sobre Auschwitz", ficaria a questão, de como incontáveis judeus, a exemplo do acadêmico de Harvard Daniel Goldhagen e o Nobel "da Paz" Elie Wiesel poderem odiar os alemães e escreverem mentiras a respeito deles e nada acontecer aos mesmos. Não, ninguém jamais interpelará judeus que mentem a respeito de alemães: este é um privilégio dos eleitos.

O que escrevo aqui é crime na Alemanha e já fui informado que existe um pedido de detenção — baseado em meus livros e colunas — me aguardando na terra de meus ancestrais, que jamais poderei conhecer. Nem Kafka imaginaria surrealismo igual.

-- Michael A. Hoffmann II

O Revisionista Siegfried Verbeke

04/08/05

O Revisionista Siegfried Verbeke foi preso no Aeroporto de Amsterdão e extraditado para Berlim. Vai ser julgado com as acusações de racismo e negacionismo.

Negacionismo, porque nega que morreram 6 milhões de Judeus na II Guerra Mundial com a publicação de várias obras através do [Free Historical Research Center \(VHO\)](#).

Na Europa são presas pessoas que não seguem o politicamente correcto e expressam as suas opiniões contra os dogmas instituídos. O que lhes acontece? São perseguidas pelo sistema e presas. Negam-lhes a liberdade de expressão.

Sábado, Novembro 19, 2005

David Irving na cadeia

Palmira F. da Silva

O escritor de extrema-direita e auto-denominado historiador **David Irving**, conhecido pela sua negação do Holocausto, [foi preso em Hartberg](#), Áustria, acusado exactamente pelos seus discursos de negação do Holocausto proferidos em território austríaco, onde tal constitui crime punível com uma pena até 20 anos de prisão.

A única educação formal de Irving consiste na frequência do curso de Física no Imperial College em Londres, no período 1957-1959, onde colaborou no jornal escolar Phoenix, [tendo sido ainda o editor do jornal](#) do London University Carnival Committee, o Carnival Times. Foi destituído desta posição após ter publicado num suplemento especial do jornal cartoons racistas, uma defesa veemente do regime de apartheid na África do Sul, um artigo elogioso da Alemanha nazi e uma alegação de que a imprensa britânica era posse de judeus. Numa entrevista da época ao The Daily Mail Irving afirmou: «Não pertenço a algum partido político. Mas pode chamar-me um fascista moderado se quiser. Acabei de regressar de Madrid (à época da ditadura de Franco) ... voltei através da Alemanha e visitei o ninho de Hitler em Berchtesgaden. Considero-o como um templo».

Desde essa época que as posições de Irving em relação à Alemanha nazi e ao Holocausto têm motivado não só reacções de indignação mas também processos judiciais. Em 1992 foi multado em 6 000 dólares por um tribunal alemão após ter afirmado que as infames câmaras de gás de Auschwitz nunca foram usadas, uma afirmação recorrente que incluiu em alguns dos seus livros sobre o período. Outras afirmações polémicas, muito aclamadas por grupos neo-fascistas e neo-nazis de toda a Europa, contestam o número de vítimas judaicas do Holocausto que Irving

afirma serem muito inferiores ao aceite por todos os historiadores sérios.

Em 2000 Irving processou a historiadora Deborah Lipstadt e a sua editora britânica, a Penguin, devido ao livro *Denying the Holocaust: The Growing Assault on Truth and Memory* (Negando o Holocausto: o assalto crescente à verdade e à memória) em que Lipstadt afirma ser Irving «um dos mais perigosos advogados da negação do Holocausto» porque «ele está no seu melhor pegando em informação precisa e moldando-a para a adaptar às suas conclusões». Como seria de esperar perdeu não só processo mas o seu apartamento em Mayfair uma vez que não conseguiu pagar as 150 000 libras iniciais de custas do processo.

O revisionismo histórico e a desonestidade intelectual de Irving são características comuns aos que defendem acriticamente não só ideologias como também religiões. O rigor histórico e intelectual é o antídoto que no Diário Ateísta preconizamos para os atentados civilizacionais de branqueamento da História!

Diário Ateísta, 19 de Nov. 2005.

<http://www.ateismo.net/diario/2005/11/david-irving-na-cadeia.php>

Historiador David Irving é acusado de negar o Holocausto

A Procuradoria de Viena apresentou hoje acusações contra o historiador britânico David Irving, de 67 anos, por violar as leis austríacas que tipificam como delito negar o Holocausto.

Por conta disso, o especialista, detido no último dia 11 no sul da Áustria, pode ser condenado a 10 anos de prisão.

Irving é acusado de ter sustentado em duas conferências realizadas em 1989 que, entre outras coisas, as câmeras de gás em Auschwitz não existiram.

Se o processo continuar, o julgamento de Irving pode começar em 2006. Na sexta-feira, a Procuradoria pedirá a prorrogação da prisão preventiva do historiador por mais quatro semanas.

Em uma de suas intervenções públicas, o especialista também teria dito que a primeira grande perseguição aos judeus da Alemanha e da Áustria, em 9 de novembro de 1938, não foi levada a cabo pelos nazistas.

Após a decisão sobre o prolongamento da prisão preventiva, o próximo passo será estabelecer quem será o juiz que vai instruir o caso.

Irving, que terá duas semanas para recorrer das acusações do Ministério Público, tinha ido à Áustria participar de um encontro de estudantes de extrema direita.

Nascido em 1938 na cidade britânica de Essex, Irving é conhecido por duas biografias de Adolf Hitler, nas quais assegura que o "Führer" do Terceiro Reich não sabia nada sobre o extermínio em massa de judeus.

EFE

Terra, Terça, 22 de novembro de 2005, 16h19

<http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,O1765771-E1294,00.html>

Áustria prende historiador que 'nega' holocausto

O historiador revisionista britânico David Irving foi preso nesta quarta-feira na Áustria com base em leis do país contra quem nega o holocausto.

Em seus livros, Irving argumenta que a escala do extermínio de judeus pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial foi exagerada.

Ele também diz que Adolf Hitler não tinha conhecimento do holocausto.

Irving foi detido pela polícia austríaca perto de Hartberg, na última sexta-feira, quando se dirigia a um clube de estudantes de Viena, a capital do país.

O historiador falaria no clube sobre negociações secretas que o arquiteto do Holocausto, Adolf Eichmann, supostamente teve com líderes judeus na Hungria.

Em 2000, durante uma audiência na Justiça britânica em Londres, o historiador também afirmou que as câmaras de gás no campo de concentração de Auschwitz, na Polónia, não existiram.

Na ocasião, Irving perdeu o caso e o juiz disse que ele era "um ativo negador do Holocausto (...), anti-semita e racista" e que se associava com extremistas de direita que promovem o neonazismo".

BBC Brasil.com

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2005/11/051117_holocaustojag.shtml

22/11/2005 - 16h18

Historiador David Irving é acusado de negar o Holocausto

Viena, 22 nov (EFE).- A Procuradoria de Viena apresentou hoje acusações contra o historiador britânico David Irving, de 67 anos, por violar as leis austríacas que tipificam como delito negar o Holocausto. Por conta disso, o especialista, detido no último dia 11 no sul da Áustria, pode ser condenado a 10 anos de prisão. Irving é acusado de ter sustentado em duas conferências realizadas em 1989 que, entre outras coisas, as câmaras de gás em Auschwitz não existiram. Se o processo continuar, o julgamento de Irving pode começar em 2006. Na sexta-feira, a Procuradoria pedirá a prorrogação da prisão preventiva do historiador por mais quatro semanas. Em uma de suas intervenções públicas, o especialista também teria dito que a primeira grande perseguição aos judeus da Alemanha e da Áustria, em 9 de novembro de 1938, não foi levada a cabo pelos nazistas. Após a decisão sobre o prolongamento da prisão preventiva, o próximo passo será estabelecer quem será o juiz que vai instruir o caso. Irving, que terá duas semanas para recorrer das acusações do Ministério Público, tinha ido à Áustria participar de um encontro de estudantes de extrema direita. Nascido em 1938 na cidade britânica de Essex, Irving é conhecido por duas biografias de Adolf Hitler, nas quais assegura que o "Führer" do Terceiro Reich não sabia nada sobre o extermínio em massa de judeus.

Ultimas noticias

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2005/11/22/ult1807u23923.jhtm>

=====

«Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão: este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.»

Artigo XIX, **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**, Paris, 1948.

=====

Todos os textos e matérias contidas no site são de inteira responsabilidade e de propriedade intelectual e autoral dos respectivos autores e fontes e estão publicados somente com caráter informativo sem nenhuma finalidade comercial.

Informações do site AAARGH

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://vho.org/aaargh>

<http://litek.ws/aaargh/port/port.html>

Para inscrever-se, e receber nossa revista : <reviluso --at-- yahoo.com.br>

OUTRAS PUBLICAÇÕES TRIMESTRALES DA AAARGH

<http://www.geocities.com/ilrestodelsiclo>

Das kausale Nexusblatt

The Revisionist Clarion

Il Resto del Siclo

Conseils de Révision

El Paso del Ebro

Arménichantage

La Gazette du Golfe et des banlieues

TEMOS UMA BIBLIOTECA DOS 270 LIBROS

REVISIONISTAS E ANTI-IMPERIALISTAS Gratis